

RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL

Estágio Profissional em Ensino na Educação Física na Escola Secundária de Fontes
Pereira de Melo.

Relatório de Estágio Profissional, apresentado à
Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, no
âmbito do curso 2º Ciclo em Ensino de Educação
Física conducente ao grau de mestre nos Ensinos
Básico e Secundário.
(Decreto-lei nº. 74/2006 de 24 de Março)

Orientadora: Doutora Paula Queirós

Professora Cooperante: Dr.ª Laura Lopes

Hélio José Tabosa Machado
Setembro de 2010

Ficha de catalogação

Machado, Hélio (2010). Relatório de Estágio Profissional. Porto: Relatório de estágio profissionalizante para a obtenção do grau de Mestre em 2º Ciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade Desporto da Universidade do Porto.

Palavras-chave: EDUCAÇÃO, PEDAGOGIA, ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA, DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL PROFESSOR, ESTÁGIO PROFISSIONAL, EDUCAÇÃO FÍSICA

*Sentirei imenso a tua falta, a ti te dedico este
trabalho em honra da tua memória.
Obrigado Avô Tabosa.*

Agradecimentos

Aos meus pais pelo apoio dado, sem eles não seria possível ter realizado este percurso. MUITO OBRIGADO

Às minhas duas avós por todo o apoio dado e velinhas acesas para que este trajecto fosse realizado da melhor maneira possível.

À minha namorada Raquel Pestana, que a conheci no melhor momento possível da minha vida, que me fez levantar e lutar contra o tédio e monotonia. Com a sua ajudam, o seu carinho e o seu amor tudo foi possível.

À **Professora Cooperante Laura Lopes** pela forma como se dedicou, pela motivação que transmitiu na sua transmissão de conhecimentos, como forma a tornámo-nos melhores profissionais

A **Professora Orientadora Doutora Paula Queirós** pelo tempo despendido para ajudar na elaboração deste relatório.

Por último, mas com grande peso na personalidade que tenho hoje, os meus amigos André, André Pedras, Bruno Morais, Carlos, Fernando, João, José João, Luís Paulino, Luís “Figo”, Rui que sempre me ajudaram nas mais variadas situações, sempre me apoiaram, mesmo estando a 156Km de distância. Para vocês amigos de Mirandela.

Índice Geral

AGRADECIMENTOS	V
ÍNDICE GERAL	VII
ÍNDICE DE QUADROS.	IX
RESUMO	XI
ABSTRACT	XIII
LISTA DE ABREVIATURAS	XIV
1- INTRODUÇÃO	1
2- ENQUADRAMENTO BIOGRÁFICO	3
2.1 CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DO ESTÁGIO PROFISSIONAL	5
2.1.1 ESCOLA:	5
2.2.2 NÚCLEO DE ESTÁGIO:	5
3- ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL	7
3.1 A EDUCAÇÃO E A PEDAGOGIA.	7
3.2 DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA	9
3.3 O PROCESSO ENSINO-APREDIZAGEM ENQUADRADO NA PRÁTICA.	12
3.3.1 PLANEAMENTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA	13
3.3.2 CONHECIMENTO DO PROFESSOR	19
3.3.3 A AVALIAÇÃO NUM CONTEXTO LEGISLATIVO E O TEÓRICO.	21
3.4 DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL PROFESSOR	25
4- REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL	31
4.1- ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM	31
4.1.1 PLANIFICAÇÃO	31
4.1.2 CARACTERIZAÇÃO DA TURMA	33
4.2- REALIZAÇÃO	35
4.2.1 JOGOS DESPORTIVOS COLECTIVOS	39
4.2.2 GINÁSTICA	43
4.2.3 ATLETISMO	46
4.2.4 BADMINGTON E DANÇA	48
4.2.5 OBSERVAÇÕES	50

4.3 PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA – ÁREA 2-----	53
4.3.1 ACÇÃO DE FORMAÇÃO “TÉNIS DE MESA NA ESCOLA” -----	53
4.3.2 OUTRAS ACTIVIDADES -----	57
4.4 RELAÇÕES COM A COMUNIDADE-----	61
4.4.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA -----	61
4.4.2 A SEMANA DA FONTES -----	63
4.5 DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL. -----	65
4.5.1 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS -----	67
4.5.2 GRUPO DE ESTUDO -----	68
4.5.3 GUIÃO DA ENTREVISTA-----	68
4.5.4 PROCEDIMENTOS PARA A REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA -----	71
4.5.5 ANÁLISE DOS DADOS E PROCEDIMENTOS -----	72
4.5.6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS -----	73
4.5.6 CONCLUSÕES:-----	79
5- CONCLUSÃO E PERSPECTIVAS FUTURAS -----	82
6- SÍNTESE FINAL-----	85
7- BIBLIOGRAFIA-----	92
8- ANEXOS -----	102

Índice de quadros.

Figura 1.....	20
---------------	----

Resumo

O estágio profissional é o culminar de uma formação académica. Assim sendo este relatório reflecte o estágio profissional realizado na escola Secundária de Fontes Pereira de Melo durante o ano lectivo 2009/2010.

O estágio profissional é uma fase essencial, para a formação de professores é o início do que nos espera para a nossa futura profissão.

O termo profissão é uma palavra usada todos os dias, nos mais diversos assuntos da sociedade, por todas as pessoas. Carrasco (2002) no seu livro *As Ciências da Educação: pedagogos para quê?* diz que profissão não é um termo muito preciso para caracterizar uma categoria sociológica.

(Bento 1995) Diz-nos que a educação é um fenómeno fundamental do Homem, o que significa falar das influências exercidas sobre ele susceptíveis de serem relevantes do ponto de vista educativo.

(Bento 1999) refere que a evolução da Educação Física ao longo da História deveu-se entre outras coisas, ao facto de ser considerada parte importante e até fundamental do processo educativo.

Para além do processo reflexivo em relação à prática durante o estágio, onde se referem estratégias utilizadas, modos de planeamento, avaliação, assim como dificuldades sentidas durante o processo de estágio, é realizado igualmente um estudo sobre o desenvolvimento profissional do professor tentando colocar em fases e estádios alguns dos professores de Educação Física da referida escola. Para isso teve-se em conta os modelos de Huberman (1986 1995 2000) e Fuller (1969)

Palavras-chave: EDUCAÇÃO, PEDAGOGIA, ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA, DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL PROFESSOR, ESTÁGIO PROFISSIONAL, EDUCAÇÃO FÍSICA

Abstract

The internship is the culmination of an academic education. Therefore this report reflects the professional training carried out in High School Fontes Pereira de Melo during the academic year 2009/2010.

The internship is a key step for the formation of Teachers, is the beginning of what awaits us for our future profession. The term profession is a word used every day in various subjects of society, of all people. Carrasco (2002) in his book *The Science of education: teachers for what?* Says profession is not a very precise term to describe a sociological category.

(Bento 1995) tells us that education is a fundamental phenomenon of man that means talking about the influences exerted on it may be relevant from the standpoint of education.

(Bento 1999) report that development of physical education throughout the History was due to among other things, to be considered an important and fundamental to the educational process.

In addition to the reflective process in relation to the practice during the internship, they refer to strategic use, ways to plan, evaluate, and difficulties experienced during the internship, also extends the study on teacher professional development is trying to put into phases and stages some of the physical education teachers of that school. For that took into account the models Huberman (1986 1995 2000) and Fuller (1969)

Keywords: EDUCATION, PEDAGOGY, TEACHING PHYSICAL EDUCATION, PROFESSIONAL DEVELOPMENT TEACHER, INTERNSHIP, PHYSICAL EDUCATION

Lista de Abreviaturas

PNEF – Programa Nacional de Educação Física

MEC – Modelo de estrutura de conhecimento

ESFPM – Escola Secundária de Fontes Pereira de Melo

E1 - Entrevista 1

E2 – Entrevista 2

E3 - Entrevista 3

E4- Entrevista 4

PJ – Número da pergunta (P1, P2 P3...)

HM – Hélio Machado

1- Introdução

O estágio profissional é uma fase essencial, para a formação de professores e é o início do que nos espera para a nossa futura profissão. Será importante então definir o que é uma profissão.

O termo profissão é uma palavra usada todos os dias, nos mais diversos assuntos da sociedade, por todas as pessoas. Carrasco (2002) refere que profissão não é um termo muito preciso para caracterizar uma categoria sociológica. Utilizando então a palavra profissão nas suas raízes etimológicas esta, tem origem na palavra latina “professio”, do verbo “profieri”, que quer dizer confessar, testemunhar, declarar (Sousa, 2001).

As expectativas em relação ao estágio passam por consolidar conhecimentos das diversas áreas propostas, apreender com o contexto escola adoptando o conhecimento, estratégias ao ambiente encontrado. Procurar acima de tudo ensinar da melhor maneira tendo em conta as dificuldades dos alunos, procurar aplicar as melhores estratégias para que exista aprendizagem e poder chegar no final do ano lectivo e sair de consciência tranquilo, que fiz o melhor e que os alunos tiraram proveito dos meus conhecimentos.

O Estágio Profissional, na sua estrutura e funcionamento, considera os princípios decorrentes das orientações legais em vigor, constantes do Decreto-lei nº 74/06 de 24 de Março e ainda do Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro. Tendo em conta as diferentes áreas de intervenção e as funções de um professor integrado na carreira, foram ainda consideradas as áreas de desempenho e alvo de avaliação previstas nos normativos vigentes que se espelham, nomeadamente, no Perfil Geral de Competências para a Docência, decreto-lei nº 240/2001 de 30 de Agosto e no Estatuto da Carreira Docente, decreto-lei nº 15/2007 de 19 de Janeiro.

Assim, as áreas previstas no documento orientador do estágio são as seguintes:

- Organização e gestão do ensino e da aprendizagem
- Participação na escola
- Relações com a comunidade:

- Desenvolvimento profissional:

Deste modo o relatório de estágio estará disposto da seguinte maneira:
No ponto 1 uma introdução, fazendo uma pequena análise ao que é o estágio profissional, o seu enquadramento legal e respectivas áreas de actuação.

Seguindo para o ponto 2, onde será realizada uma identificação e um percurso biográfico do autor. No mesmo ponto efectua-se uma referência á caracterização do estágio.

O enquadramento da prática será onde a informação teórica depositar-se-á com referências ao contexto legal, contexto institucional, contexto funcional. Este ponto é também alimentado por um ensaio sobre a Educação e Pedagogia do Desporto que conduzirá a um estudo de caso, a ser referido no ponto 4 realização da prática profissional. Neste ponto, para além do referido estudo de caso, irá haver uma abordagem reflexiva sobre a respectiva prática, tendo por base a informação teórica do ponto 3, criando assim um fio condutor, para a conclusão do relatório que irá se estruturar no ponto 5, referindo igualmente as minhas perspectivas para o futuro.

2- Enquadramento Biográfico

O meu nome é Hélio José Tabosa Machado, nasci no distrito de Bragança, concelho de Mirandela, freguesia de Mirandela, em 10/07/1984.

Que cidade é essa a de Mirandela. Populares relatam na como Mirandela a bela, afirmando mesmo “Quem Mirandela mirou em Mirandela ficou”. Mirandela situa-se bem no centro do distrito de Bragança nas lindas paisagens de Trás-os-Montes. Transmontanos esses, que segundo Bento (1995) são “Produtos de teimosia contra prescrições, fatalismos e determinismos. Os trasmontanos são analfabetos em palavras. Mas letrados na transcendência de sonhos e utopias, na autenticidade e lhanza de valores, de horizontes, de atitudes e sentimentos.” (Bento, 1995 p. 7)

São as características de teimosia, determinação, sonhos e utopias que me fizeram aventurar na jornada académica. Iniciei o meu percurso académico no ano de 2004, entrando na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, actual Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Iniciei em 1990, o ensino básico na Escola nº 1 de Mirandela (Escola da Central). Foram os meus primeiros professores a professora Judite e a professora Celeste, com a ajuda da velhinha santa luzia, a régua de pau que por vezes, decidia iluminar as nossas ideias.

O percurso foi evoluindo e um momento para o outro, passados 12 anos, chegaria ao 12ºano. Fase essa de decisões futuras, escolhas que determinaram o futuro profissional. Posto isto, deixo a pergunta:

O porquê da área de Desporto?

Desde muito jovem que pratico desporto, sensivelmente desde os meus 7 anos. Iniciei-me nas Artes Marciais e mais tarde no Futebol de 11.

Foi nas Artes Marciais que tive afirmação como desportista. Praticando Kung-fu cheguei a representar por duas ocasiões a selecção Portuguesa no campeonato Ibérico em 1997 tendo obtido o 1ºlugar na minha categoria e campeonato da Europa em 1998 ficando no 7º lugar. Fui Campeão Nacional por 5 vezes 1994, 1995, 1996, 1998, 1999.

Em relação ao futebol, não correu da mesma maneira, um pouco por pressão dos meus próprios pais, que impondo-me a escolha de uma só modalidade devido ao conflito existente entre desporto e os estudos.

Desporto era a actividade que mais me cativava, praticava desporto nos meus tempos livres, nos intervalos da escola e nas aulas de educação física, aplicava-me sempre ao máximo sendo sempre um dos melhores na disciplina.

Já nessa altura, pensava em ser professor de Educação Física.

Para essa decisão muito contribuiu, um professor que na altura era estagiário, o professor Jacinto. Vi ali o gosto pela profissão e o que era ser professor, foi também o ano que mais modalidades foram abordadas. Normalmente o típico das aulas era, futebol e mais futebol. Pela primeira vez realizei modalidades que também gostava, principalmente Ginástica e Voleibol. Para além de ter realizado Orientação e Rugby, coisa que até essa altura nunca imaginei realizar.

Com a conclusão do secundário surgiram as dúvidas que normalmente se põem ao futuro caloiro: O que fazer? O que escolher? Para onde ir? A todas estas questões que me coloquei, foram reflectidas e a partir delas cheguei à conclusão, que apesar das dificuldades de emprego, que a área de docência apresenta, ser professor era o que eu queria.

Para além disso, o Futebol também é uma paixão. Sempre acompanhei e joguei Futebol, vivia Futebol todos os dias. Por todas estas razões, a minha opção passou por seguir Futebol na faculdade.

Nesta fase tornei-me treinador de futebol de formação. Inicialmente comecei com jovens de 15 e 16 anos, passando depois para escolinhas (6-10 anos). Foi e está a ser uma experiência gratificante onde posso aplicar os meus conhecimentos e onde tive o meu primeiro contacto com o ensino.

É absolutamente diferente ensinar uma modalidade num clube desportivo, na qual temos um conhecimento muito mais aprofundado, relativamente ao ensino na escola.

2.1 Caracterização do contexto do Estágio Profissional

2.1.1 Escola:

A escola Fontes Pereira de Melo tem já 49 anos de existência; a 15 de Dezembro de 1960 foi criada na cidade do Porto, pelo Decreto-Lei n.º 43 410 a Escola Industrial Conde Ferreira que nunca chegou a funcionar. Esta escola passou a denominar-se Escola Industrial Fontes Pereira de Melo, conforme consta da Portaria 23 551, de 21 de Agosto de 1968.

Em 1987, finalmente, é inaugurada a nova Escola junto ao Estádio do Bessa, onde já funciona o Ensino Unificado. No ano lectivo seguinte a Escola começou a funcionar na totalidade no novo espaço, com os cursos Técnico-Profissionais da área B: Electrónica, Mecânica e, mais tarde, Informática, além de cursos via de ensino da mesma área.

No Pavilhão Gimnodesportivo existe além da nave principal com bancadas interiores, uma sala de ginástica, balneários e gabinete de apoio ao agrupamento de Educação Física.

Neste momento a escola encontra-se em remodelação, estando apenas 3 blocos activos, mais o pavilhão gimnodesportivo, estando a maioria dos serviços de administrativos e algumas salas de aula, Pré fabricados.

2.2.2 Núcleo de estágio:

O Núcleo de estágio foi constituído por 3 professores estagiários e uma professora cooperante. O nosso grupo, teve reuniões gerais as terças-feiras por volta das 10:30. Cada um dos estagiários tem uma reunião individual nos restantes dias.

Cada um de nós leccionou uma turma das 3 que a professora cooperante nos cedeu. As aulas foram sempre de manhã, seguidas de reuniões individuais e reunião colectiva.

O grupo em si, era um grupo trabalhador, onde se discutiram ideias, ouviam se propostas, era um grupo unido, com uma enorme entreajuda. Sempre críticos

em relação ao trabalho, não existiam problemas em dizer, se “fizeste mal”, “poderias ter feito de outra maneira” ou “fizeste bem”. Pessoalmente não tenho razões de queixa, gostei da maneira que se trabalhou e como as coisas correram.

A professora cooperante como “líder”, “guia” do grupo, teve sempre esse papel, guiou-nos para vários lugares, isto é, deu-nos liberdade de escolhermos a melhor maneira de actuar, não nos exigindo que fosse só de uma maneira, mas procurou dar-nos várias maneiras possíveis. Quando nos desviávamos mais do que devíamos, trazia-nos de volta à terra.

3- Enquadramento da prática Profissional

3.1 A Educação e a Pedagogia.

A Educação e a Pedagogia fazem parte da nossa profissão, iremos então realizar algumas referências sobre a Educação e a Pedagogia, como forma de situarmos o Desporto e a Educação Física.

Sendo assim Cabanas (2002) numa abordagem à Educação, referindo-se a A. Sanvisens, diz que a educação pode expressar diversos significados, pode ser Educação como facto, como realidade, Educação como actividade e como processo, a Educação como efeito ou resultado, Educação como relação e a Educação como tecnologia concluindo que o termo Educação é como um poliedro de muitas faces.

Segundo o dicionário online Priberam de língua portuguesa (25/5/2010), pesquisando a palavra educação, mostra-nos duas possíveis palavras, educação e educar, com diversos significados para cada um. Educação é um conjunto de normas pedagógicas tendentes ao desenvolvimento geral do corpo e do espírito; conhecimento e prática dos usos da gente fina; Instrução, polidez, cortesia.

Já o dicionário online de língua Portuguesa da Porto Editora (infopedia 25/5/2010) diz-nos por outras palavras que a educação é o processo que visa o desenvolvimento harmónico do ser humano nos seus aspectos intelectual, moral e físico e a sua inserção na sociedade; processo de aquisição de conhecimentos e aptidões, instrução; adopção de comportamentos e atitudes correspondentes aos usos socialmente tidos como correctos e adequados; cortesia; polidez.

Bento (1995) afirma que a educação é um fenómeno fundamental do homem, isto significa falar das influências exercidas sobre ele susceptíveis de serem relevantes do ponto de vista educativo.

Sendo assim e concluindo a definição de Cabanas (2002), a Educação é vista como uma acção, um acto de educar regulado por uma tecnologia pedagógica como forma a produzir efeitos educacionais nas pessoas.

Do mesmo ponto de vista Durkheim (1973) considera que a educação é a acção exercida, referindo que essa acção é efectuada pelas gerações adultas sobre as que ainda não estão maduras para a vida social.

Tem por objecto suscitar na criança um determinado número de estados físicos, intelectuais e morais. Favorecer o desenvolvimento tão complexo quanto possível das aptidões de cada pessoa, simultaneamente como indivíduo e como membro de uma sociedade (Bento, 1995). Não é surpresa que a educação acontece em toda a parte, toda a vida educa.

O acto educativo é o exercício concreto da educação. É, por conseguinte, a confluência da actuação do educador com a reacção do educando, tendo como consequência o acesso deste a um nível de maior perfeição pessoal (Cabanas 2002).

Segundo Delors (2001) no relatório realizado para a Unesco sobre a educação para o século XXI diz-nos que a Educação deve transmitir, de uma forma eficaz, cada vez mais saberes, adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases das competências do futuro.

A Educação deve fornecer a cartografia de um mundo complexo e ao mesmo tempo a bússola que permita ser um guia através dele. Podendo a educação aplicar-se a diversas áreas, como Psicologia da Educação, Economia da Educação ou Sociologia da Educação; digamos que a educação e as suas ciências são de um carácter descritivo (Cabanas 2002).

Após estas revisões sobre a Educação, devemos igualmente procurar o sentido da Pedagogia pois segundo Bento (1999) a pedagogia deve assumir a ousadia de pensar filosoficamente a educação.

Pedagogia é uma ciência que por muito tempo deixou-se ocupar por preocupações de ordem didáctica, preocupações que afunilaram as discussões sobre a Educação (Bento, 1999).

Assim como (Rodrigues, sem data) em “*A Pedagogia do Desporto e as Ciências do Desporto*” refere que abordar a pedagogia é debruçar-nos sobre intenções educativas. Apesar de separadas não deixam de ter ligações uma à outra. A pedagogia situa-se num carácter normativo (Cabanas, 2002).

Rodrigues (s.d.) afirma corroborando da mesma ideia que a Pedagogia tem sido considerada muito mais uma prática de métodos e processos, do que um espaço científico autónomo com ideologia própria e objecto específico.

A Pedagogia do desporto como ciência pretende esclarecer até que ponto as actividades lúdico-desportivas, nas suas formas organizadas e não organizadas podem ser significativas para a educação e desenvolvimento mas também para a aprendizagem e formação do Homem que pratica o desporto.

A pedagogia do desporto persegue esta tarefa central também no aspecto temporal na medida em que incorpora no seu objecto o homem em todas as idades e não só na fase da infância Meinberg, (1992).

Num aspecto antropológico e fisiológico é atribuída à Pedagogia do Desporto a incumbência de reafirmar o imperativo categórico da qualidade e de apelar a novas formas de ser formado e ser formador, tendo a função de reavivar a consciência do homem e de pugnar pela promoção e qualidade da educação em todos os contextos desportivos (Bento, 1999).

3.2 Desporto e Educação Física

O Desporto tem um significado enorme na sociedade em todo o mundo. Mas o Desporto como o conhecemos hoje não seria assim à alguns anos atrás. Sigoli; Júnior; De Rose (2004) referem-se a Desporto como actividades atléticas que faziam parte da religião e educação grega. Gomes (2006) diz que o desporto grego consagrava 3 objectivos como destino de todos os homens e jovens. Socialmente seria formar homens, física e psicologicamente perfeitos, contribuindo assim para a vida religiosa, política e militar.

Referindo-se aos romanos Bento (1999) diz-nos que o atleta foi substituído pelo Gladiador e que usaram o “Desporto” como forma de alienar o povo (Sigoli;Junior; De Rose 2004).

. O Desporto Moderno é de uma importância tal que provocam no nosso quotidiano mudanças. Por exemplo o Futebol, e aproveitando que estamos em ano de campeonato do mundo, vemos que todo o mundo esteve de olhos postos em África. Analisando o campeonato português vemos que quando uma

equipa é campeã as pessoas vêm à rua festejar como se fossem elas os verdadeiros vencedores.

O Desporto começou a tomar formas das conhecidas hoje no século XIX, com o desenvolvimento de diversas Escolas de Ginástica, a Escola Dinamarquesa, Sueca, Alemã, tendo como objectivo o desenvolvimento pedagógico, higiénico e social.

Foi na Inglaterra com o movimento de regulamentação dos jogos populares que culminou com o surgimento do Desporto Moderno, (Sigoli, Júnior; De Rose 2004) assim como o desenvolvimento do Olímpismo por Pierre Coubertin que se encontra associado ao renascimento dos jogos Olímpicos da era moderna (Gomes 2006)

Segundo Bento (1987) no Desporto Moderno é possível encontrar aspectos comuns as sociedades do passado. O mesmo fala-nos em dois modelos fundamentais que podem ser salientados na interpretação do Desporto.

São os modelos de Grupe/Kurz (1980) que nos dizem o seguinte: Desporto é um subsistema das modernas sociedades industriais, possuindo e reforçando, simultaneamente, com inequívoca nitidez os traços característicos daquelas: competição, rendimento.

Desporto é um espaço livre, um domínio lúdico, no qual, pelo menos potencialmente, existem coisas diferentes das da vida social normal.

“Educação Física é o fundamento de todas as manifestações de atividades físicas” – Cagigal (1979/1981);

A Educação Física surgiu então como forma de desenvolvimento pedagógico higiénico e social. Princípios esses vindos das Escolas europeias já referidas, que influenciou bastante a Educação Física em Portugal. Nomeadamente a Ginástica da escola Sueca também conhecida por Ginástica de Ling (Estrela, 1973).

Bento (1999) refere que a evolução da Educação Física ao longo da história deveu-se entre outras coisas, ao facto de ser considerada parte importante e até fundamental do processo educativo. O mesmo autor afirma que o estado da Educação Física no mundo pode ser avaliado por diversos

indicadores, tais como: tempo curricular, adequação ou inadequação dos recursos, estatuto e apreço da disciplina, auto estima dos professores, sentido e deontologia profissional, entre outros.

Cunha,(2004) diz-nos que a filosofia da Educação Física está em plena comunhão com os aspectos da aprendizagem motora, lúdica, de suporte desportivo, dimensão social e carácter filosófico.

A Educação Física visa desenvolver a personalidade como um todo, a melhoria das capacidades corporais, das habilidades desportivo-motoras e simultaneamente a formação da consciência, do carácter e do comportamento (Bento, 1987). O ensino da Educação Física tem como objectivo garantir um nível elevado da formação básica-corporal e desportiva de todos os alunos (Bento, 2003).

O mesmo autor diz que a Educação Física é um processo pedagógico complexo, determinado na sua dinâmica por diversas leis. Aqui actuam, em simultaneidade, leis Pedagógicas, Psicológicas, Biológicas, Neurofisiológicas, Biomecânicas, Bioquímicas e leis do movimento. Na mesma linha de pensamento (Vickers, 1990) que considera no seu modelo de estrutura do conhecimento, módulo 1, categorias transdisciplinares deve-se fazer uso do conhecimento das diversas ciências do desporto que podem ajudar à melhor maneira de leccionar uma dada unidade de ensino.

A Educação Física é sem dúvida um elemento importante na formação dos jovens em Portugal, a aplicação de diversas ciências para o seu ensino é sem dúvida fundamental.

3.4 O processo Ensino-apredizagem enquadrado na prática.

O processo ensino-apredizagem engloba algumas variáveis. (Dunkin & Bidle, 1974) referem-se a esse processo como duas actividades, a actividade pedagógica do aluno e do professor. Os mesmos autores descrevem variáveis que influenciam o processo ensino aprendizagem. Foram descritas variáveis de presságio, produto, programa e contexto.

Variáveis de presságio vêm de encontro às crenças do professor, a sua formação académica valores, experiência profissional. Variáveis do programa têm em conta os objectivos do ensino, conteúdos princípios metodológicos e normas de avaliação.

Variáveis de contexto, esta variável toma forma, a partir de momento que entramos na escola, conhecermos os alunos, a turma, o material disponível na escola, o envolvimento escolar.

Aparecem ainda as variáveis do produto, isto é, os efeitos tanto a longo prazo como a curto prazo que provocará o ensino no aluno

Utilizando este modelo de Dunkin & Bidle enquadrando-o na prática do estágio e nas tarefas que o regulamento da unidade curricular do estágio profissional de 2009/2010 prevêem o seguinte:

Artigo 8º – Atribuições do Estagiário

Ao estudante estagiário compete:

Ponto 4 - Cumprir todas as tarefas previstas nos documentos orientadores do EP.

De encontro ao artigo 8º ponto 4 e consultando o dito documento fazendo a uma alusão mais pormenorizada ao que o estudante estagiário deve realizar tendo em conta o processo ensino-apredizagem vemos que alguns dos pontos referem o seguinte:

- a) Analisar os programas de Educação Física articulando as diferentes componentes: finalidades, objectivos, conteúdos e indicações metodológicas.

Neste ponto podemos considerar a variável programa

b) Utilizar os saberes próprios da Educação Física e os saberes transversais em Educação, necessários aos vários níveis de planeamento. Variável de presságio.

c) Ter em conta os dados da investigação em educação, ensino e o contexto cultural e social da escola e dos alunos, de forma a construir decisões que promovam o desenvolvimento e a aprendizagem desejáveis. Variável contexto.

d) Planificar o ensino nos três níveis anual, unidade temática e aula, tendo em conta: a. Objectivos (adequados às necessidades e diversidade dos alunos e contexto do processo de ensino/aprendizagem); Variável contexto.

E) Utilizar as diferentes modalidades de avaliação como elemento regulador e promotor da qualidade do ensino e da aprendizagem e da avaliação do aluno. Variável produto.

Posto isto irá ser feito uma abordagem tendo em conta os diferentes pontos de modo a realizar uma revisão bibliográfica sobre os aspectos mais importantes para o estágio profissional.

3.4.1 Planeamento em educação física

Pode-se entender por planeamento como a intencionalidade da acção humana em contrapartida com o agir aleatoriamente (Luckesi, 1992)

(Bento, 2003) refere que a teoria do planeamento de processo de ensino e aprendizagem é ponto de partida na concepção e conteúdos dos programas ou normas programáticas de ensino, nomeadamente na concepção de formação geral, de desenvolvimento multilateral da personalidade e no grau de científicas e relevância práctico-social do ensino.

(Siedentop, 2000) apoiando-se em (Clark & Yinger, 1979; Stroot & Morton, 1989) refere quatro razões pela qual o professor se preocupa em planear. As razões referidas pelo autor são: 1) assegurar que uma progressão é seguida durante as aulas, como entre elas. 2) Ajudar o professor a manter-se na tarefa e usar o tempo planeado; 3) para reduzir a ansiedade do professor ou ajudá-lo a manter a sua confiança enquanto lecciona. 4) Para cumprir com políticas das escolas.

O planeamento em Educação Física vai então depender das variáveis encontradas na escola. Só então se poderá consultar o PNEF, ver os objectivos que este propõe e então aplicar as diferentes modalidades nele encontrado.

Segundo Bento (2003) e de acordo com (Rink, 1985) a planificação deve ser realizada tendo em conta uma planificação anual, uma planificação tendo em conta a unidade temática/didáctica e uma planificação de aula.

A planificação anual é o primeiro passo do planeamento. Este deve ser um plano exequível, didacticamente exacto e rigoroso, que oriente o essencial, com base nas indicações programáticas e em análises da situação na turma e na escola (Bento, 2003). O mesmo autor propõe uma sequência de como realizar uma planificação anual.

- 1- Trabalhos preparatórios – Estudo das matérias de ensino e do programa análise do estado de desenvolvimento, de rendimento e de comportamento dos alunos; análise e garantia das condições materiais; reuniões e decisões colectivas do grupo de Educação Física.
- 2- Determinação e concretização dos objectivos anuais – Formulação dos objectivos para todo o ano e para os diferentes ciclos ou unidade didácticas.
- 3- Distribuição e ordenamento de horas e matérias.
- 4- Coordenação das tarefas de formação e educação.
- 5- Indicação de controlos para a avaliação do nível de formação e educação alcançado.
- 6- Marcação de pontos altos no ano lectivo.
- 7- Trabalhos finais.

Posto isto e após a planificação anual o professor deve igualmente formular uma unidade temática/didáctica.

“É na unidade temática que reside precisamente o cerne do trabalho criativo do professor.” (Bento, 2003)

Estas constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico apresentando aos professores e alunos etapas bem claras e distintas do ensino e aprendizagem (Bento, 2003).

Por exemplo, Vickers (1990) propõem para cada matéria a abordar um MEC.

O MEC concebe o design da instrução distribuído por oito módulos e possui categorias de conhecimento: declarativo e processual.

O conhecimento Declarativo está directamente relacionado com o módulo 1. Este oferece-nos uma informação específica da modalidade (condição física e fisiologia do treino, cultura desportiva, conceitos psico-sociais e habilidades motoras).

O conhecimento Processual, por outro lado está directamente relacionado com os módulos: 2 (análise do envolvimento), 3 (análise dos alunos), 4 (determinação da sequência e extensão da matéria), 5 (definição de objectivos), 6 (configuração da avaliação), 7 (criação de progressões de ensino) e 8 (elaboração de planos de aula e unidade temática). A elaboração do MEC e planeamento do processo está dividida em três fases: análise (módulos 1, 2 e 3), decisões (módulos 4, 5, 6 e 7) e aplicação (módulo 8).

Assim, no contexto da Análise, desenvolvemos um organigrama da estrutura de conhecimentos da modalidade, do qual fazem parte os conteúdos referentes à modalidade. De seguida, tomamos conhecimento das infra-estruturas e material disponível para as aulas, bem como as competências evidenciadas pelos alunos numa fase inicial.

Na fase das Decisões, definiremos os objectivos (gerais e específicos para cada uma das áreas transdisciplinares), configura-se a avaliação a utilizar (Diagnóstica, Formativa e Sumativa) e criam-se as progressões de ensino.

Nas progressões de ensino são abordados tarefas de aprendizagem que segundo Rink (1985) têm as seguintes funções: 1) Informação - tarefas iniciais, de introdução, que informam os alunos de uma nova habilidade; duram pouco tempo; 2) melhoria qualitativa do desempenho (refining), as condições da prática não se alteram, apenas se enfatiza o foco de atenção do aluno para elementos técnicos da habilidade; o sucesso requer desempenhos de qualidade; 3) extensão do desempenho, progressões intratarefa; condições de prática ligeiramente alteradas, no sentido de uma maior complexidade; 4)

aplicação da habilidade (competição, auto-avaliação, realização contextualizada da habilidade, produto).

Sendo assim, a unidade de ensino, figura-se como um passo importante na realização do processo ensino aprendizagem. Realizar uma vasta pesquisa dos contextos que existem, para poder adoptar a melhor estratégia no ensino aprendizagem.

Bento (2003) refere consolidando o abordado até agora, que um planeamento adequado das unidades temáticas tem de ser algo mais do que a distribuição da matéria pelas diversas aulas. O mesmo autor refere igualmente a importância de nela conter o desenvolvimento da personalidade (habilidades, capacidades, conhecimentos atitudes) dos alunos.

Seguindo esta “cronologia” de eventos passaremos então a última etapa de planificação, o plano de aula.

As aulas deverão possuir início, meio e fim, deste modo, proporcionaremos estrutura e significado às aprendizagens dos alunos. Na parte preparatória da aula o professor deverá situar os alunos no contexto da aula. O professor transmite aos alunos o que se irá realizar na aula e a importância desta para os alunos.

Na parte fundamental da aula, o professor deverá possuir a preocupação de usar diferentes estratégias de ensino para aumentar a motivação dos alunos, promover variabilidade nas condições de prática tornando as suas aulas mais interessantes e quando se confronta com recursos reduzidos, deverá privilegiar a prática de duas habilidades na mesma aula em detrimento da sua prática em aulas separadas (Rink 1985).

Na parte final da aula, o professor realizará uma revisão daquilo que foi leccionado e avaliará a compreensão dos alunos acerca dos conteúdos da aula, poderá ainda preparar o aluno para os conteúdos.

Na construção do plano de aula é importante para que o professor tenha à partida o que quer ensinar naquela aula, seguindo os objectivos a que se propôs nas anteriores planificações. Este tipo de planificação é ainda mais profundo do que as anteriores.

No plano de aula deve igualmente estar presente a data, número de aula da respectiva unidade didáctica, função didáctica da aula, que segundo Bento (1987) pode ser de introdução e estimulação, onde se prepara e orienta; de transmissão e assimilação onde se faz trabalho em matéria nova exercitação da mesma; consolidação e domínio onde se faz a ligação do novo ao antigo e do antigo ao novo. Por fim Avaliação e controlo, onde se controla, avalia e faz-se uma análise ao processo.

Ainda segundo o mesmo autor a função didáctica representa a tarefa dominante de uma fase da aula; é uma componente subordinada a uma outra; confere um cunho específico a uma tarefa dominante; concede a uma aula inteira um determinado carácter. Uma aula tem sempre uma função didáctica predominante embora possam existir outras funções didácticas.

A organização didáctico-metodológica onde se descreve a organização do exercício. No plano de aula devem igualmente estar descritos os objectivos para cada exercício que se pretende realizar, objectivos esses já definidos nas planificações anteriores. Neste sentido, a especificidade dos objectivos de uma unidade temática tem de ser maior que os objectivos da planificação anual e os objectivos da aula tem de ser ainda mais específicos que os objectivos da unidade temática.

O estabelecimento de objectivos e metas de aprendizagem deve ter por princípio aquilo que os alunos irão aprender com o ensino. A definição de um objectivo deverá assumir três componentes, o comportamento esperado, que se refere a objectivos comportamentais, a condição de realização e o critério de êxito. Os objectivos deverão ainda ser escritos de acordo com cada nível de planeamento, obedecendo a um aumento do nível de especificidade (Rink 1985).

O mesmo autor define domínios nos objectivos podendo estes ser de domínio Motor que se dividem em técnicos/qualitativos ou de desempenho/quantitativos. Técnicos: fazem a descrição do movimento com um critério de avaliação que nos permite observar se o aluno está perto ou longe do objectivo; a avaliação do objectivo é subjectiva porque depende do conhecimento que o professor tem do conteúdo. Desempenho: quantitativos

são mais fáceis de definir e avaliar; dependem da idade e do sexo (mais que os anteriores).

Domínio Psico-social/Afectivo que tem como características desenvolvimento da personalidade; atitudes, autodisciplina, confiança. - Domínio Cognitivo, explica-se o porquê das coisas.

.

3.4.2 Conhecimento do professor

Um dos grandes desafios no ensino, principalmente para quem inicia a sua carreira, é o conhecimento que o professor tem em relação às diferentes matérias de ensino. O PNEF engloba um vasto leque de matérias a abordar, umas obrigatórias outras alternativas.

Segundo (Ramos, et al 2008) referindo-se a Fenstermacher (1994), MONTEIRO (2001) o professor deve possuir um “conhecimento base” para realizar um bom ensino ou realizar um estágio de competência no ensino.

Graça (1999), (Gomes & Graça 2001) e Cid (2005) citando (Shulman, 1987), identificam sete categorias de conhecimento para um conhecimento geral.

O autor refere dois tipos de relações, uma sem relação com a matéria, onde se englobam: 1) Conhecimento pedagógico geral; 2) Conhecimento dos alunos e das suas características; 3) Conhecimento do contexto educativo; 4) Conhecimento dos fins, objectivos e valores educativos.)

Refere uma outra relacionando a matéria considerando o conhecimento do professor em 3 categorias. São elas:

Conhecimento do conteúdo ou da matéria de ensino está relacionado com a matéria ou modalidade que o professor vai ensinar; ele tem que ter um bom conhecimento da matéria de ensino, conseguindo-o através da análise da actividade ou modalidade desportiva em estruturas do conhecimento, integrando categorias mais transdisciplinares.

O conhecimento pedagógico do conteúdo está relacionado com a forma como o professor transporta o conteúdo, a forma como transmite o conteúdo aos alunos, para que estes percebam; deve também, saber quais as matérias onde os alunos têm mais ou menos dificuldades.

O conhecimento dos contextos do sistema educativo refere-se ao conhecimento curricular da matéria. Neste conhecimento integram-se a forma como organiza a matéria, textos a que recorre, contra-indicações de alguns exercícios, etc.

Um outro modelo já referido no ponto 3.1 este virado para a Educação Física pode considerar o modelo de Vickers (1990)

Graça (1999) refere para além do modelo de conhecimento geral de ensino, o modelo de conhecimento do professor de Grossman (1990) considerando que o construo do conhecimento pedagógico do conteúdo resulta então do entrelaçamento de várias dimensões do conhecimento.

O Modelo de Conhecimento Pedagógico do Conteúdo propõe o conhecimento pedagógico do conteúdo em 4 componentes (fig.1).

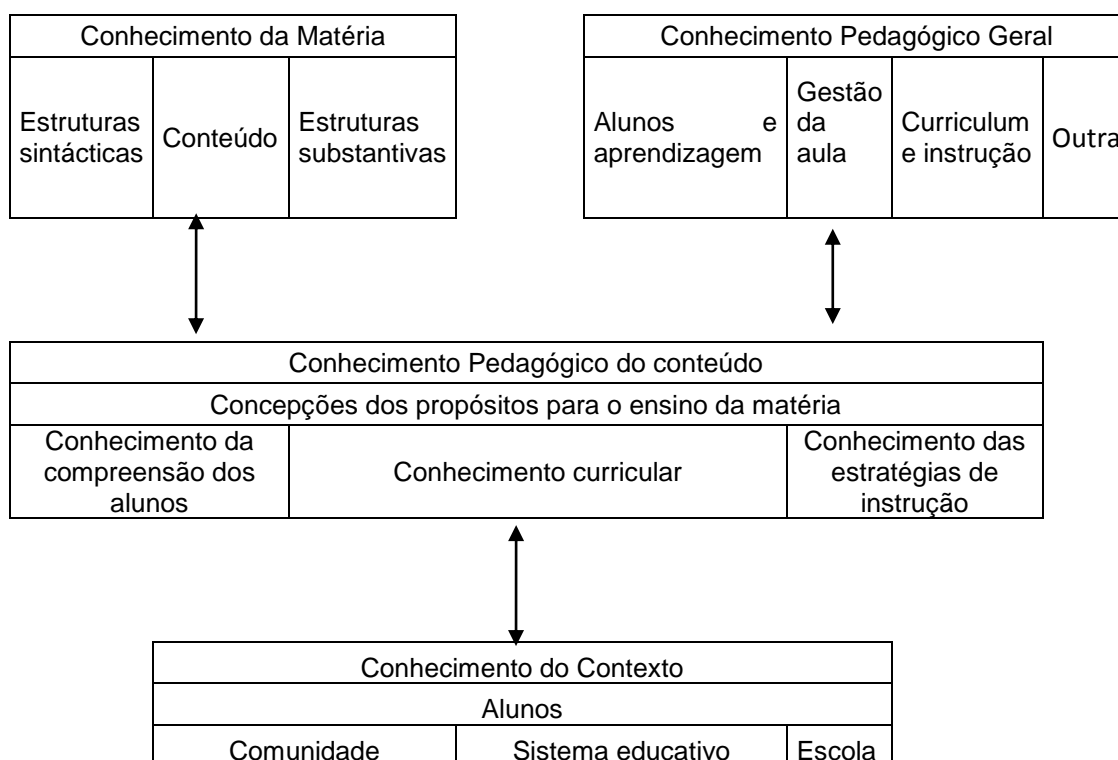


Fig. 1 Modelo do conhecimento do Professor de Grossman (adaptado por Graça 1999)

Desta forma é imperativo ao professor ter um vasto conhecimento, para poder aplicar da melhor forma o ensino, conduzindo o processo ensino aprendizagem da melhor maneira possível dando aos alunos as melhores aprendizagens.

3.4.3 A avaliação num contexto legislativo e o teórico.

A avaliação no ensino é uma das funções a desempenhar pelo professor.

O que é a avaliação?

Segundo o *PRONACI* – Programa Nacional de Qualificação de Chefias Intermédias diz que a avaliação é uma apreciação ou grau de eficácia de um processo de formação. A avaliação resulta de um processo de reflexão sobre todos os momentos e factores que intervêm na formação a fim de determinar um resultado.

Segundo Luckesi (1995), a avaliação é uma análise quantitativa dos dados do processo ensino aprendizagem, como um auxílio na tomada de decisões

Para Siedentop (2000) a avaliação é um conjunto de critérios que avaliam a qualidade do desempenho. A avaliação é o conjunto de informações fiáveis cuja finalidade é melhorar o desempenho dos alunos, útil quando a informação vai de encontro a eficiência do ensino e a sua relação com objectivos definidos para a aprendizagem dos alunos.

A avaliação é feita tanto (1) para dar feedback aos alunos e professor sobre os progressos, durante a aula, a unidade didáctica, o programa curricular, ou (2) para determinar o final da unidade ou do programa quando os objectivos forem cumpridos (Rink 1985).

A palavra avaliação remete, imediatamente, para a sua componente mais quantitativa, as notas (Siedentop 2000).

Falando agora num contexto legal, o Decreto-Lei n.º 74/2004 define avaliação da seguinte maneira: 1 — A avaliação consiste no processo regulador das aprendizagens, orientador do percurso escolar e certificador das diversas aquisições realizadas pelos alunos.

2 — A avaliação tem por objecto a aferição de conhecimentos, competências e capacidades dos alunos e a verificação do grau de cumprimento dos objectivos globalmente fixados para o nível secundário de educação, bem como para os cursos e disciplinas nele integrados.

A avaliação das aprendizagens orienta-se pelos seguintes princípios:

- a) Qualidade das aprendizagens, entendida a avaliação como instrumento regulador;
- b) Contextualização, entendida como a consistência entre as actividades de avaliação e as actividades de aprendizagem, numa perspectiva de integração do ensino, da aprendizagem e da avaliação;

O mesmo decreto fala em dois tipos de avaliação que o professor deve realizar durante o ano lectivo que diz o seguinte:

1 — A avaliação das aprendizagens compreende as modalidades de avaliação formativa e avaliação sumativa.

Por avaliação formativa o decreto de lei diz o seguinte:

A avaliação formativa é contínua e sistemática e tem função diagnóstica, permitindo ao professor, ao aluno, ao encarregado de educação e a outras pessoas ou entidades legalmente autorizadas obter informação sobre o desenvolvimento das aprendizagens, com vista ao ajustamento de processos e estratégias.

Por avaliação sumativa o decreto de lei diz o seguinte:

- a) A avaliação sumativa consiste na formulação de um juízo globalizante, tem como objectivos a classificação e a certificação.
- b) A avaliação sumativa conduz à tomada de decisão, no âmbito da classificação e da aprovação em cada disciplina, área não disciplinar e módulos, quanto à progressão nas disciplinas não terminais, à transição para o ano de escolaridade subsequente, à conclusão do nível secundário de educação e à admissão de matrícula.

A avaliação é sem dúvida o elemento que permite ao professor regular o seu processo de ensino-aprendizagem de diversas maneiras, e sempre como forma de avaliar os alunos e o seu próprio processo.

António Rosado & Catarina Silva falando dos *CONCEITOS BÁSICOS SOBRE AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS* (acesso em 24/5/2010) aborda os diferentes conceitos sobre os diferentes tipos de avaliação, assim como (Rink 1985; Siedentop 2000).

Posto isto e tendo em conta os autores iremos descrever sobre as diversas avaliações realizando um contraste entre o legislativo e o conteúdo teórico.

O Decreto de lei acima descrito fala-nos que a avaliação deve ser contínua.

A avaliação contínua tem momentos de avaliação sumativa e de avaliação formativa. Vai sendo desenvolvida ao longo de todo o ano pela avaliação dos alunos em diferentes momentos que se vão repetindo.

A avaliação formativa tem como objectivos diagnosticar, balizar o grau de domínio atingido e revelar dificuldades. É realizada durante a unidade de ensino. Pode ser formal ou informal. Com a avaliação formativa podemos ver onde e em quê o aluno encontra dificuldades de aprendizagem, para que se tomem medidas ao nível da estratégia pedagógica encetada e propor novas situações que permitam a progressão do aluno se isso for necessário.

Avaliação Formativa permite descobrir onde e em quê um aluno encontra dificuldades de aprendizagem, para que se tomem medidas ao nível da estratégia pedagógica encetada e propor novas situações que permitirão a progressão do aluno (subentende estratégias de remediação). Só é útil se o professor: 1) definir claramente os objectivos, 2) se as tarefas são indicadas para os objectivos, 3) se o professor consegue interpretar as acções dos alunos consoante os objectivos.

Avaliação Sumativa é a que é feita no final da unidade de ensino, onde se vê se o aluno alcança os objectivos ou não. É esta avaliação que nos vai dar indicações acerca do processo de instrução. Tem como objectivo fazer o balanço, verificar o nível atingido, verificar a eficácia da estratégia. Avalia-se o produto.

Avaliação Referenciada à Norma: situar o aluno no grupo, comparar o seu resultado com o do grupo, seleccionar ou classificar comparando com os outros, adaptar instrumentos de medida que permitam distinguir/ordenar os alunos.

Avaliação Referenciada ao Critério: não compara o aluno com o grupo mas situa o aluno em relação a um critério absoluto. Realiza ou não realiza o

comportamento esperado em função daquilo que o professor define como objectivos a alcançar.

Existe ainda uma avaliação diagnóstica, que é realizada no início de uma unidade de ensino com, este tipo de avaliação para além de fornecer dados ao professor sobre o conhecimento dos seus alunos, pode igualmente ter uma função motivadora.

Bento (2003) escrevendo sobre a análise e avaliação e a importância da reflexão sobre o processo. Considera que o processo decorre normalmente sobre 3 etapas: 1) decurso da aula; 2) na parte final da aula; 3) Após a aula e em casa. Considera igualmente que sem uma reflexão posterior acerca das aulas e uma avaliação crítica do trabalho desenvolvido verifica-se um retrocesso dos resultados em todos os aspectos do ensino.

3.5 Desenvolvimento profissional professor

Um professor experiente distingue-se de um professor principiante pelo seu domínio dos conteúdos e pela forma como este consegue relacionar e transformar este conteúdo para estes (Rink 1985); (Bernardi, Cristino et al. 2009).

Então o que será o bom professor? Que significado terá este conjunto de palavras. Nóvoa (2009) no ensaio *“Para uma formação de professores construída dentro da profissão”* refere ser impossível definir o bom professor, sem usar indetermináveis listas de atributos e competências. Estando eu em estágio, a leccionar a uma turma do 11º, fazendo parte do estágio, participar em funções do director de turma, uma dessas funções era tratar de dados estatísticos dos alunos.

Uma das perguntas feitas aos alunos foi “Tipos de professor mais apreciados.” As 3 respostas que mais coincidiram foram:

- 1- Compreensivo/simpático
- 2- Atencioso/bem-humorado
- 3- Paciente/Esclarecedor/Exigente

Tendo em conta estes resultados, que tipo de formação de professores deve ser realizada? O que os alunos gostam ou querem, ou uma formação baseada nas cinco disposições que são essenciais à definição dos professores referida por (Nóvoa 2009), São elas o conhecimento, a cultura profissional, o tacto pedagógico, o trabalho em equipa, o compromisso social. Segundo o mesmo autor estas disposições servem de base para a formação de professores numa proposta de formação que inclui 3 fases:

- 1- • A licenciatura numa determinada disciplina científica;
- 2- • O mestrado em ensino, com um forte referencial didáctico, pedagógico e profissional;
- 3- • Um período probatório, de indução profissional.

Tendo em conta estes pontos, o percurso realizado por mim até este momento obedece a esta proposta, estando neste momento no ponto 3, o estágio profissional.

Conclui-se daqui a necessidade de uma longa formação na área em que se irá leccionar, terminando com o Estágio Profissional, sendo este o momento mais importante, onde se aplicará todo o conhecimento apreendido durante as duas outras fases.

Lawall, Shinomiya et al. (2009) referindo-se ao desenvolvimento profissional do professor entende que são mudanças que ocorrem ao longo do tempo, em aspectos que determinam o comportamento, o conhecimento, as imagens, as crenças ou as percepções dos professores. O conceito de desenvolvimento profissional apresenta então diversas definições. Na sua maioria podem ser entendidas como um processo que melhora o conhecimento e as competências dos professores, conferindo-lhes uma atitude permanente de pesquisadores que procuram, por meio de questionários, soluções para os seus problemas. A finalidade e objectivo principal dessas acções são a melhoria da sua prática educativa e consequentemente a melhoria da aprendizagem de seus alunos.

Ponte (1995) refere que os conhecimentos e competências adquiridos pelos professores antes e durante a formação inicial tornam-se manifestamente insuficientes para o exercício das suas funções ao longo de toda a sua carreira.

Essa dinâmica pode assumir um duplo caminho: 1) o sucesso atingido pelo professor pode levá-lo a uma constante “busca” de seu aprimoramento e desenvolvimento profissional, ou 2) seu fracasso pode até mesmo fazê-lo abandonar a profissão ou permanecer numa situação de “inércia” frente aos compromissos (Arruda, 2001)

Ponte (1995); (Bejarano & Carvalho 2003), (Bejarano & Carvalho 2004) em estudos realizados sobre o desenvolvimento profissional dos professores referem os 3 estádios de Fuller (1969). São representados da seguinte maneira:

Estádio 1 - Sobrevivência

- A sua preocupação passa pelo próprio, principalmente com a capacidade para lidar com os alunos, prever problemas que poderão surgir, encontrar recursos adequados para cada situação. Será que vou ser capaz? -O que é que os alunos pensam de mim? -O que é que os colegas pensam de mim? -O que é que eu hei-de fazer se me surgir uma situação em que eu não saiba como agir

Estádio 2 – Mestria

- A preocupação dominante é com a tarefa, concentrando-se na sua actuação e a melhor maneira de adequar um processo ensino aprendizagem que propõem. Existe uma grande preocupação em saber se estão a adequar a matéria da melhor maneira e se mantêm um bom controlo das situações. Qual a melhor maneira de dar a matéria?

Como conseguir que os alunos aprendam o máximo possível

Estádio 3 – Impacto

- A preocupação dominante é com os alunos, isto é, o seu efeito nos alunos. Não procura satisfazer os requisitos de modelos exteriores, mas dar grande importância à avaliação que fazem do seu próprio trabalho. Como conseguir que as minhas aulas transmitam algo de importante para os alunos? Como "chegar" o melhor possível a todos os alunos.

(Bernardi, Cristino et al. 2009), (Serrazina & Oliveira 2000) (Lawall, Shinomiya et al. 2009) referenciam as fases do desenvolvimento Profissional dos professores tendo em conta as fases de Huberman(1989,1995.2000) Assim sendo existe uma proposta de 6 fases pela qual os professores atravessam, e que marcam o processo de evolução, desde o início de carreira até ao seu término.

FASE 1 – A entrada na carreira (de 1 a 3 anos de profissão)

Esta fase caracteriza-se pela “exploração” na qual o professor faz uma opção pela carreira, experimentando diversos papéis. É uma fase de entusiasmo com a profissão e com as diversas situações que se depara. Questiona-se se o seu desempenho está ou não a ser satisfatório e se conseguirá superar os problemas, (disciplina dos alunos, material inadequado) é uma fase onde o abandono da profissão surge com mais frequência. Esta fase caracteriza-se também por dois aspectos:

- A sobrevivência, isto é, há o choque com a realidade, valores do professor serem opostos ao contexto que encontra na escola.
- A descoberta, encontro de uma realidade que o leva a uma transformação humana, a um crescimento profissional.

FASE 2 – Estabilização (de 4 a 6 anos de profissão)

Esta fase é uma fase de opções provisórias, estabilizando-se com o comprometimento definitivo. Aqui ocorre uma escolha de identidade profissional sendo uma etapa decisiva no seu desenvolvimento profissional. É o momento em que o profissional passa a ser professor. Esta fase leva a uma série de escolhas e adaptações a um corpo profissional levando-o a uma independência profissional.

A estabilização é a fase da afirmação do “eu-docente” Existe um maior interesse pelas aprendizagens dos alunos.

FASE 3 – Diversificação e Experimentação (de 7 à 25 anos de profissão)

Esta fase passa por um conjunto de experiências pessoais, depois de consolidado a sua “competência “ pedagógica, diversificando estratégias, modos de avaliação, sequência dos programas, há uma procura de mais prestígio, responsabilidade e autoridade. Passam por uma fase onde estão mais motivados, mais dinâmicos e mais empenhados numa equipa pedagógica, que leva a uma maior ambição por cargos de chefia.

Esta fase é a mais longa do professor e onde se encontram três tipos básicos:

- a) Aqueles que investem seu potencial no desenvolvimento como docente, procurando diversificar os seus métodos e práticas. Também as melhores formas de aplicá-las no ensino;
- b) Outros que se envolvem mais com o sistema administrativo, promovendo-se profissionalmente;
- c) Aqueles que aos poucos reduzem seus compromissos com a docência, podendo abandoná-la ou exercer outra profissão paralela.

FASE 4 – Serenidade e distanciamento afectivo (de 25 à 35 anos de profissão)

A característica mais visível nesta fase, é a procura de uma situação estável, que poderá ocorrer pelos 44-55 anos de idade. É uma fase bastante autónoma, pois não precisam de aprovação dos outros professores, pois não haverá mais nada a provar.

FASE 5 – Fase de conservantismo

Muito parecida com a anterior, ocorrendo durante esta fase uma maior rigidez por parte dos professores, tornando-se mais conservadores. Poderá ocorrer entre os 50 e 60 anos de idade. Os professores pertencentes a este ciclo queixam-se da evolução dos alunos e dos colegas mais jovens

FASE 6 – Fase de desinvestimento (de 35 a 40 anos de profissão)

Uma fase de libertação progressiva, levando a passar mais tempo consigo próprio, será uma forma de se manifestar a sua libertação pelo final de carreira, reflectindo em si as pressões sociais e profissionais que sofreram durante a sua vida.

São dois modelos diferentes, o primeiro tem em conta o estado do professor e sua relação com alunos e meio não diferenciando o tempo. O outro utiliza o tempo como variável de desenvolvimento, situa-se mais ao nível profissional da carreira. Apesar de nas fases de Huberman apresentar 6 fases, para o nosso estudo iremos considerar 5 fases, as que têm relação directa com tempo de

serviço e não idade. Assim torna-se importante, abordar os dois modelos e tentar saber onde se situa o professor de Educação Física.

Nos diferentes estudos analisados, por exemplo (Lawall, Shinomiya et al. 2009) chegam às conclusões que as fases propostas por Huberman (1989, 1995, 2000).

são uma boa descrição dos ciclos de vida profissional dos professores. Os autores referem que as propostas apresentam por Huberman (1989, 1995, 2000), mostram fases, transições, crises, pelas quais atravessam os profissionais durante o desenvolvimento da carreira profissional. Referem que este modelo é um modelo esquemático, concluindo porém que nem todos os profissionais passam pelas mesmas fases, destacando que a variável tempo é fundamental.

Ponte (1995) que utilizou os estádios de Fuller(1969), refere que no seu estudo, alusivo aos professores de Matemática, que estes não se enquadram nos estádios propostos por Fuller (1969).

(Bejarano & Carvalho 2003) no seu estudo sobre professores de ciências considerando os estádios de Fuller (1969), concluem que a professora analisada, situava-se no Estádio de Sobrevivência, referindo que a professora analisada, viveu mais intensamente este estádio do que o referido por Fuller(1969).

Este estádio é vivido sobre diversas preocupações as apresentadas pelas professoras foram ligadas às suas relações com o pessoal docente da escola.

Posto isto, no ponto 4.5 irá ser desenvolvido um pequeno estudo sobre o desenvolvimento profissional dos professores de Educação Física na Escola Secundária de Fontes Pereira de Melo, tendo em conta os modelos propostos pelos autores Fuller (1969) e Huberman (1989, 1995, 2000).

4- Realização da prática profissional

A realização da prática profissional é composto por 4 áreas de intervenção são elas:

Área 1: Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem

Área 2: Participação na Escola

Área 3: Relações com a Comunidade

Área 4: Desenvolvimento profissional.

São áreas distintas, onde o processo de formação de professores se desenvolve. Estas áreas englobam um conjunto de tarefas a realizar, como a prática pedagógica supervisionada, o relatório de estágio, a realização de um projecto de formação individual, caracterização do meio, actividades recreativas na escola, funções de direcção de turma, observações sistemáticas e muitas outras funções que permitam estar o mais próximo possível da realidade.

4.1- Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem

Esta área é a mais determinante na medida em que é a partir da leccionação que vamos criar influências positivas nos alunos, que não se podem esgotar na execução das actividades.

4.1.1 Planificação

Para este ponto de partida foi necessário, nesta área particularmente, realizar uma análise a diversos documentos, como o PNEF para o 11ºano, regulamento interno da escola e da educação física.

Devido à falta de documentação sobre o leccionado no ano anterior, foi necessário observar nos livros de ponto do ano anterior e tentar perceber que matérias os alunos leccionaram. Juntamente aos dados retirados do livro de ponto, foi dado aos alunos um questionário sobre a disciplina com perguntas relativas às matérias leccionadas.

A escola possuía um documento orientador mas exclusivo aos cursos profissionais. Para os cursos Científico-Humanístico, não existia nenhum documento que orientasse o professor acerca da planificação

A planificação irá dividir-se em anual, unidade didáctica e plano de aula (Bento, 2003).

O PNEF diz que para um ano lectivo devem ser abordados dois desportos colectivos. No ano anterior, os alunos abordaram Basquetebol, Voleibol, Andebol e algumas aulas de Futebol. Ficou então decidido usar as duas primeiras aulas no ano lectivo e efectuar avaliação diagnóstica às respectivas modalidades de modo a escolher aquelas, em que os alunos poderiam ter mais sucesso.

A avaliação diagnóstica efectuada foi com referência ao critério. A avaliação efectuada não é comparada entre alunos mas sim ao seu conhecimento da modalidade.

Posto isto, foram realizadas 4 avaliações diagnósticas onde se observou as modalidades de Basquetebol, Futebol, Andebol e Voleibol.

Após a análise dos resultados chegou-se a conclusão que as modalidades que trariam mais benefícios aos alunos seriam, Voleibol e Futebol.

Após a recolha de toda a informação e de realizar avaliações diagnósticas, tendo em conta a rotação dos espaços, juntamente com a professora cooperante e núcleo de estágio, realizou-se a planificação anual das restantes matérias a abordar e decidir a quantidade de aulas a distribuir pelo ano lectivo. O total de aulas foram de 67.

No 1º Período 25 aulas, no 2º período 23 e no 3º período 16.

Assim no 1º período ficou planeado a leccionação das modalidades Voleibol (12 aulas), Ginástica (9 aulas), Atletismo (4 aulas) e uma aula de Fitnessgram. No 2º período foram abordadas as modalidades de Badmington (6 aulas), continuação do Atletismo (5 aulas), Futebol (3 aulas) e uma aula de Fitnessgram. Já no 3º período foram abordadas as modalidades de, Dança (5 aulas) continuação do Futebol (11 aulas) e uma aula de Fitnessgram.

Para a elaboração das unidades didácticas das diferentes modalidades e conteúdos foi utilizado o Modelo de Estrutura do Conhecimento de Vickers (1990).

O planeamento da unidade didáctica e das aulas teve em conta, factores como os recursos materiais disponíveis (espaço de aula, material didáctico e estado de conservação) as características da turma, o número de alunos e os seus níveis de desempenho, fazendo uma adequação dos conteúdos e das estratégias de ensino. Assim como a realização de avaliações formativas seguindo o desenvolvido no ponto 3.4.1 com o objectivo de detectar e regular as dificuldades dos alunos ou das próprias situações de aprendizagem, assim como para o professor saber se as metodologias utilizadas estão a ser as mais correctas.

4.1.2 Caracterização da turma

A turma que agora irei procurar analisar e dar a conhecer é a turma 11ºA - CCH Ciências e Tecnologias da Escola Secundária de Fontes Pereira de Melo.

A turma é constituída por 18 alunos em Educação Física e 22 em disciplinas como Matemática e Físico-Química Filosofia, Biologia.

4.2- Realização

Para este ponto, irei efectuar referências, a algumas estratégias utilizadas no desenrolar do respectivo ano lectivo. Irei então desenvolver este ponto, por respectivas unidades de ensino, abordando os aspectos principais nomeadamente as dificuldades e forma de as ultrapassar.

Assim sendo e após completar as respectivas planificações e caracterização da turma começavam a aparecer algumas dúvidas, tais como, “serei capaz”, “domino os conteúdos”, “como será que os alunos me vão ver”.

A grande preocupação sentida foi o domínio dos conteúdos assim como a exemplificação perfeita para me verem como o modelo certo a seguir. Ora no decorrer nas primeiras aulas, a preocupação passou a ser outra, o controlo da turma. Senti logo de início grandes dificuldades para controlar o comportamento dos alunos, assim como a sua chegada a horas à aula. Fui muito passivo, não fazendo cumprir com as próprias regras estabelecidas. Até que houve o momento em que foi necessário efectuar um “corte”, adoptando um estilo de ensino por comando, onde o professor é o elemento humano preponderante com um papel bem definido. É ele quem determina os objetivos da aula, escolhe as actividades, fornece as informações precisas sobre o que executar, avalia quase sempre de forma subjectiva e corrige (Mosston 1988). A resposta dos alunos foi positiva, a partir desse momento os alunos começavam a cumprir com as regras, mostravam-se mais empenhados. Na aula número 4, consegui chegar a eles, e nesse momento já me viam com professor deles. Após esse sucesso abandonei o estilo de ensino por comando e passei para um ensino por tarefas. Este estilo de ensino tem como características principais a tarefa centrada no aluno, continuando o professor a ser o “motor” do processo de ensino, deixando de ser tão autoritário (Mosston, 1988).

Para demonstrar este respectivo episódio, realizei no final do 1º período fichas de auto-avaliação, na qual perguntava aos alunos o que achavam do professor. Usarei nomes fictícios de modo a proteger a identidade dos alunos. Filipa “.....*No início do período achava o professor um pouco antipático mas agora até não é mau*”.

Fabiana “*Penso que durante o 1º período as aulas correram bem, o professor foi um bocado “duro” no início mas depois de se habituar aos alunos, e os mesmos ao professor as aulas começaram a correr melhor.....*”.

Filomena “*Nas primeiras aulas o professor pareceu-me ser demasiado frio e exigente. Mas ao longo do período a minha opinião mudou.....*”.

Posto isto, os próprios alunos sentiram a mudança, no professor, mostrando maior respeito pelo professor e pelas regras na sala de aula.

Uma das estratégias que adoptei para a realização das aulas e que acabou por ser uma tarefa bastante eficaz para o desenvolvimento dos alunos, e mesmo para mim foi o aquecimento

O aquecimento foi uma tarefa que senti necessidade de alterar ao longo do ano. No início do ano lectivo, a forma de realizar o aquecimento trazia-me grandes dificuldades no controlo da turma, não conseguia ver o que os alunos realizavam e se o realizavam. Este problema também se deveu ao facto de ser uma turma grande e o controle não se tornava fácil.

O aquecimento passava por uma série de exercícios em corrida em volta do espaço de aula, formando depois um semi-círculo realizando mobilização articular e condição física.

Com a abordagem do Atletismo, vi uma boa maneira de incluir a matéria de ensino no aquecimento, mudando radicalmente a organização da sala de aula.

Passei então a efectuar duas colunas, lado a lado, com marcas +- 30cm entre elas para os alunos realizarem a prática da técnica de corrida. Com esta estratégia, consegui um maior controlo da turma, pois o seu espaço de acção era bem menor e ganhei tempo de gestão na aula, ao aproveitar o aquecimento para abordar conteúdos de Atletismo.

Se numa parte chamada activação geral realizava exercícios de técnica de corrida, na parte de mobilização articular, onde exercitava a condição física (Força e Flexibilidade) aproveitava, para abordar conteúdos para a corrida de barreiras.

Já quando o espaço de aula rodava para a sala de Ginástica, modificava a estrutura já que o próprio espaço, era menor, permitindo na mesma um

controlo maior dos alunos. Para a modalidade de Ginástica realizava exercícios de modo a exercitar a força inerente aos conteúdos a serem abordados na aula. Exemplo:

Para praticar elementos de ligação, enquanto os alunos realizavam corrida aleatório pelo espaço (como o espaço é pequeno, não criaria monotonia da corrida, desta se realizar sempre no mesmo sentido) pedia para fazer um salto de gato ou salto de tesoura, salto com meia pirueta seguindo de corrida a retaguarda (aqui na corrida à retaguarda já exercitaria possíveis medos em relação aos rolamentos à retaguarda).

Para a prática do salto ao eixo, durante a corrida os alunos ao meu sinal intercaladamente, um baixava-se e outro realizava salto ao eixo nas suas costas.

Com o início do 2º período decidi abordar outro caminho. Um caminho em que seriam os próprios alunos a realizar o aquecimento. Sendo esta uma turma do 11ºano já alunos com alguma responsabilidade, achei por bem que fossem eles próprios a realizar o aquecimento, propondo que esta tarefa fosse igualmente avaliada. Para tornar esta tarefa possível, dividi a turma em grupos de dois, e cada grupo efectuaria o respectivo aquecimento, sendo estes informados da matéria a ser abordada na aula em que iriam realizar a tarefa.

Partindo por aqui, o meu objectivo era que os alunos ganhassem mais responsabilidade pela aula, já que de uma maneira geral a aula é deles, tornando o professor como gestor do trabalho realizado por eles. Para além do mais, era uma forma de eles próprios terem conhecimento de como um aquecimento deve ser realizado, estando de igual forma preparados para a actividade física fora da escola, sabendo o que fazer antes de iniciar exercício.

Sobre a tarefa realizada posso dizer que no seu início, os dois primeiros grupos, sentiram alguma dificuldade em a realizar, devido também um pouco à falta de prática e a vontade de querer realizar algo diferente do que o professor fazia. Mas com o tempo a tarefa começou a ser consolidada, os alunos interiorizaram o que pretendia mostrando igualmente formas originais de a aplicar.

Exemplo.

- Um grupo de alunos na abordagem da Dança, realizaram um aquecimento de aeróbica.
- Um outro grupo na abordagem do Futebol, realizaram o jogo “futebol sem bola”.

Este é um exemplo do que uma tarefa que à partida os alunos não gostam de realizar, o aquecimento, tornou-se uma forma desafiadora para quem organiza, e expectante para o que seria realizado naquela aula, mostrando igualmente grande criatividade para a sua prática.

É também de salientar que alguns grupos, ao tentar inovar, as coisas não corriam muito bem, nessas alturas, estava atento e pronto a intervir para remediar a situação.

Irei agora partindo deste ponto, desenvolver um pouco mais o meu relatório referindo-me às respectivas modalidades abordadas durante o ano lectivo que passou.

Assim sendo, no Ponto 4.2.1 irei fazer referência aos jogos desportivos colectivos abordados, realizando uma análise a alguns dos problemas que foram surgindo no desenrolar das respectivas modalidades.

A mesma sequência será realizada para Ginástica, Badmington e Danças Tradicionais, e Atletismo.

4.2.1 Jogos Desportivos Colectivos

Em relação aos Jogos Desportivos Colectivos adoptei o ensino da modalidade tendo em conta o jogo seguindo uma sequência do topo para a base. Senti mais dificuldades nesta abordagem no ensino do Voleibol do que propriamente no ensino do Futebol, devido a formação específica que tinha no Futebol.

No caso do Voleibol, a dificuldade em ensinar tendo em conta o Jogo foi evidente, realizei exercícios em que apenas exercitava a componente técnica e posteriormente em jogo. Esta situação foi-se alterando à medida que a experiência ia acumulando, conseguindo posteriormente realizar exercícios em que a componente técnico-táctico estivesse presente.

Voltando à avaliação formativa, esta revelou-se fundamental para perceber os erros cometidos no processo ensino aprendizagem da modalidade. Momentos esses em que decidi efectuar uma mudança na Unidade Didáctica (UD) promovendo mais o ensino através do jogo, de forma a ajudar os alunos a atingirem o sucesso. Se antes da avaliação formativa, utilizava por exemplo exercícios em que colocava, grupos de dois frente a frente, a realizar passe de frente, comecei a efectuar jogo 1x1 com condicionantes. Efectuava os mesmos grupos, colocava os na rede com espaço delimitado, e efectuavam jogo de cooperação entre eles, mas de oposição entre o grupo ao lado. O objectivo para este jogo era efectuar o maior número de passes entre si, de modo a vencer os seus colegas.

Realizava progressões onde a dificuldade aumentava, deixando de haver cooperação, passando a oposição. Notei, nos próprios alunos, um empenho mais elevado, sentindo-se mais predispostos para a prática, sem dúvida, senti que esta foi a opção mais correcta para a turma. A oportunidade para apreender, aumentou significativamente.

Em relação ao Futebol os maiores problemas encontrados, da minha parte, foi saber separar o que era treino em competição e ensino na escola.

Se de uma certa maneira estava bastante à vontade em treinar, pois as condições são completamente diferentes, isto é, no treino, temos alunos que querem estar lá, gostam da modalidade, e fazem-no sobretudo por prazer. O espaço é maior, o que permite uma maior diversidade de exercícios. Já na escola, e falando da minha turma, tinha um factor com o qual nunca tinha convivido.

Factor esse que seria determinante nas minhas estratégias para o ensino. A turma era constituída maioritariamente por raparigas, pensando eu, que não haveria problema e tinha enorme vontade que elas chegassem ao fim da unidade didáctica, sentido que saíram dali a jogar “à bola”.

Retratando agora um pouco das dificuldades sentidas, em relação à separação por níveis, e ao que foi dito no início deste ponto, deparei-me então com a dificuldade de as raparigas, não aceitarem jogarem 1x1 sozinhas. Decidi então usar um pouco do tempo de aula, deixando os rapazes a jogar, para conversar com elas, tentando referir que não era por discriminação que fazia tal separação.

Reunidos eu e elas, falei do que pretendia. O meu objectivo em separá-las era que elas tivessem hipótese de evoluir, permite-se colmatar a maior dificuldade delas, que era a relação com bola. O jogo 1x1 era o ideal para que isso acontecesse.

Mesmo assim, tendo dito os meus objectivos ainda houve bastante recuo por parte delas.

Como foram resolvidos esses problemas?

Resolvi juntar todos os níveis nos exercícios. Fazendo a sua separação com regras, para o jogo.

Por exemplo num jogo Gr+2x2+Gr colocava as seguintes regras. Alunos de nível 2 teriam posse de bola protegida dos alunos de nível 3, podendo este ser recuperado apenas por alunos de nível 2.

Para que esta condicionante funcionasse seria importante a escolha dos grupos, tentar equilibrar as equipas. Poderia acontecer devido a alunos

estarem a faltar, ou não realizarem aula, ou no momento do jogo haver troca de árbitros, ou troca de guarda-redes, haver de um lado alunos de nível 2 e do outro aluno de nível 3. Caso acontecesse esta condicionante, colocava outra regra, alunos de nível 2 só poderia dar o máximo 4 toques.

O facto dos alunos de nível 3 jogarem com os alunos de nível 2, traria maiores facilidades para eles, mas as regras escolhidos permitia igualmente a evolução em outros aspectos tácticos e cognitivos. Se os alunos de nível dois tinham posse de bola protegida, e os de nível 3 não a poderiam tirar, estes mesmos alunos teriam de pensar em alternativas a esta condicionante. Eles teriam de estrategicamente descobrir uma solução. Para além do mais aplicariam os conteúdos abordados, como a estruturação do espaço defensivo, ofensivo e comunicação na acção defensiva e ofensiva. Quero dizer com isto, que enquanto eles jogavam entre o mesmo nível, a preocupação em aplicar os conteúdos não era tanta, a intensidade era maior, a fadiga acumulada não os deixava raciocinar da melhor maneira, cometendo erros tanto a nível defensivo como ofensivo.

Sendo assim, com os alunos de nível dois, a eles próprios foi dando maior espaço para jogar, maior tempo para pensar no que fazer, consolidaram da melhor maneira os princípios de jogo que eu queria que eles aplicassem. Permitiu também a eles próprios, ter mais confiança na relação com bola. Para os alunos de nível 2, a evolução foi claramente maior, pois estes, tinham a imagem de como se fazia, eles próprios apercebendo-se da dificuldade, tentavam imitar a forma de defender e atacar. O facto de terem posse de bola protegida, permitia, que eles pensassem o que fazer, para além de manterem o contacto com a bola o maior tempo possível.

Esta estratégia funcionou nesta turma. Consegui fazer com que as raparigas, voltassem a ter os níveis de empenho demonstrados em outras unidades didácticas, a falta de empenho no futebol mudou. Nas últimas aulas, tendo já elas chegado ao jogo Gr+2x2+Gr houve novamente separação. Ao ver estes alunos agora a jogar no mesmo nível, reparei que tantos os alunos de nível 2 como os de nível 3, haviam melhorado consideravelmente. Via nas raparigas acções tácticas que não aconteciam no início, grande preocupação

em não se centrarem no portador da bola, assim como ocupar espaços vazios, criar linhas de passe. A nível defensivo evitavam de ir de primeira à bola, realizando contenção.

Já os alunos de nível 3, havia maior preocupação em manter a correcta ocupação dos corredores, uma marcação mais à zona, e uma progressão para a baliza não tanto em penetração mas mais em circulação de bola.

Chegado ao fim da unidade didáctica, a decisão tomada foi a melhor, sinto que houve uma grande evolução em termos técnico-táctico e na relação com bola, embora nem todos os alunos de nível 2, tenham atingindo um nível esperado na relação com bola.

Esta experiência de futebol na escola, tendo como comparação o treino, foi bastante inovadora. Se por um lado tinha como expectativas iniciais, que o futebol iria ser de uma abordagem bastante acessível, pelo outro lado, isso não se tornou realidade, sendo obrigado pensar em formas de contornar os obstáculos encontrados, formas essas que funcionaram sem prejuízo para os alunos.

4.2.2 Ginástica

Relativamente à Ginástica não existiu dificuldades de grande relevo a serem referidas. Mas existiam grandes preocupações de como organizar o espaço, e a segurança dos alunos e as respectivas ajudas. A sua planificação estava condicionada devido a rotação dos espaços existentes na escola, a unidade didáctica iria ser aplicada em dois períodos. Num período uma abordagem mais à Ginástica de solo e no outro os aparelhos.

Sendo a Ginástica uma modalidade onde o professor deve ter bastante atenção à segurança do material e dos alunos, e também uma modalidade onde o empenho motor se revela relativamente menor, em relação às outras modalidades, optei na leccionação dos conteúdos usando estações. Usar 3 a 4 estações seria o ideal para a turma, sendo que uma delas, seria de aplicação para os alunos que já conseguiam ultrapassar a dificuldade do elemento técnico.

Houve a necessidade de realizar uma alteração à planificação inicialmente prevista, no que diz respeito a conteúdos.

Em primeiro lugar, este facto deve-se a alterações que tivemos de efectuar devido a imposição por parte do Ministério da Educação de não ser poder usar colchões devido à possibilidade de transmissão da Gripe A.

Até ao dia 21-10-09, havia sido feito uma planificação (diferente, com a inclusão de vários elementos gímnicos de solo. Nessa altura, numa reunião de agrupamento, falou-se sobre a questão dos colchões, na qual, ficou decidido até novas ordens, que os alunos não poderiam usar os colchões.

Foi então que ficou decidido abordar mais elementos no minitrampolim, e incluir o salto entre mãos no 2º período, esperando que os alunos atingissem com sucesso no 1º período o salto ao eixo.

Posto isto, e visto que os colchões também podem ser utilizados, para queda, foram retirados, os elementos onde o contacto com o colchão é maior, como rolamentos. Passando-os para o 2º período, onde à partida, já seria possível o uso dos colchões, tendo-se verificado que não existiu mudança de

política por parte do Ministério ficando então a abordagem do salto entre mãos que poderia em termos de tempo, ser mais trabalho assim como consolidar elementos no mini trampolim, acrescentando o salto com pirueta vertical.

Visto que a maioria dos elementos do solo não iria ser abordados no 1º período, os elementos que estavam planeados para o 2º período transitaram para o 1º período. Visto também que a única proibição seria os colchões, retirei o que tinha planeado de mini trampolim para o segundo período de modo a abordar já no primeiro período.

Em todas as actividades da aula, os colchões serviram apenas, para queda, sendo a única superfície de contacto com o colchão os membros inferiores.

Falando do processo ensino aprendizagem, como já referido, escolhi como estratégia a utilização de estações. Na formação de grupos não houve diferenciação por níveis, por considerar que os alunos de uma maneira geral estavam ao mesmo nível, colocando uma estação específica de aplicação para os alunos que fossem demonstrando um nível superior.

O maior receio na ginástica seria a segurança, nomeadamente as ajudas aos alunos. De foro teórico sabia perfeitamente como realizá-las, agora em prática, apenas no 2º ano do curso (Estudos Práticos), foi possível aplicá-la, e muito pouco no 3º ano (Didáctica de Ginástica). E passados dois anos, sem aplicação teria algumas dúvidas. Essas dúvidas dissiparam-se à medida que as ia aplicar tendo sempre ajudado os alunos da melhor maneira.

De uma maneira geral, foi uma unidade de ensino que correu da melhor maneira, apesar das grandes dificuldades sentidas por eles na ginástica a evolução foi bastante boa.

De realçar uma alteração efectuada no 2º período relativamente ao salto entre mãos. Foi proposto à turma, que alguns alunos realizassem um “salto de barreira”. Este salto tinha como função saltar o plinto como se fosse a saltar um muro, efectuando na mesma os primeiros passos do salto entre mãos. No momento do salto, esses alunos colocariam os membros superiores no plinto, efectuando de seguida transposição lateral dos membros inferiores.

Esta proposta teve em conta, a grande dificuldade anatómica sentida por alguns dos rapazes, devido ao facto de serem bastante obesos. Logo ao executarem a acção motora de fecho, eles não conseguiam realizá-la da melhor maneira, sendo para eles impossível assumir a posição engrupado,

Visto que seria de certa forma injusto, avaliar da mesma maneira este tipo de salto com os alunos que trabalharam arduamente para realizar o salto entre mãos, decidi complementar a nota com um trabalho sobre “Desporto, nutrição e obesidade”. Os alunos responderam positivamente e aplicaram-se bastante em ambas as componentes.

4.2.3 Atletismo

No meu entender o Atletismo é das modalidades a serem abordadas na escola que maior resistência oferece, tanto pela parte dos professores como dos alunos.

Justificando a afirmação, deve-se um pouco ao mito que os alunos têm do Atletismo, pensando eles que esta modalidade é só correr. Já no caso dos professores, tem mais a ver com as condições da própria escola.

No caso da Escola Fontes Pereira de Melo, as condições para a abordagem do atletismo eram bastante complicadas, não havendo espaço exterior, devido as obras de remodelação existentes, seria complicado abordar outras vertentes do Atletismo, por exemplo saltos, lançamentos e mesmo corridas. Mas no nosso entender, não seriam motivos suficientes para não o abordar. Tendo em conta a obra não publicada, mas que servia de um excelente guia para as aulas de Atletismo realizada por Rolim R. & Garcia, Rui (2007-2008) intitulado de “*O Atletismo em Idades Púberes e Pós-Púberes*” tendo em conta que são dois Doutores da Universidade do Porto – Faculdade de Desporto, não vi qualquer problema em seguir as suas orientações pedagógicas.

Estes dois autores, propõem soluções lúdicas, de maneira fácil, para o ensino do Atletismo na escola, podendo leccionar qualquer vertente do atletismo mesmo dentro do pavilhão.

Sendo o Atletismo uma modalidade individual e onde a técnica possui um carácter especial, para a execução de diversos gestos no Atletismo. Seria necessário trabalhar de uma forma molecular, “partindo” o movimento nas suas partes, até chegar à técnica correcta.

Sendo assim no 1º período a que corresponde as aulas 1 a 4, vai ser dada importância a técnica corrida, partida de blocos e corrida de barreiras, havendo uma maior exercitação no primeiro ponto.

No 2º período onde incidem as restantes aulas, decidiu-se aprofundar um lançamento e um salto para um maior contacto dos alunos com o atletismo, e estes não pensarem que o atletismo é só corrida.

De lançamentos decidiu-se pelo lançamento do peso, devido as condições materiais da escola, sendo possível com as condições que existem usar material de apoio à sua aprendizagem, podendo usufruir á vontade o espaço disponível, sem perigo para os alunos.

De salientar que a abordagem do Atletismo fez com que algumas estratégias fossem alteradas, nomeadamente no aquecimento e unidades de ensino a abordar em cada aula. Isto é, nas aulas de 90 minutos abordar metade da aula, Atletismo e na outra metade da aula, outra modalidade previamente planeada.

4.2.4 Badmington e Dança

Como referido no ponto 3.3.2 em que é realizada uma abordagem ao conhecimento do professor, estas duas modalidades eram aquelas em que o meu conhecimento sobre elas não era suficiente para as abordar da melhor maneira possível. Assim sendo, foi necessário, e referindo-me à Dança, observar vídeos sobre as respectivas danças. Observar diferentes coreografias, ouvir as músicas e tentar desmontar as diferentes habilidades motoras inerentes a cada dança.

Construí uma coreografia base, tendo em conta a música, e as respectivas habilidades motoras, que fosse de forma acessível para os alunos interiorizarem. Procurei igualmente realizar exercícios que de uma forma inicial, fossem passíveis de progressão assim como de desinibição.

Posto o desafio, de ensinar os alunos as ditas danças, tinha tudo preparado para que a respectiva unidade de ensino fosse um sucesso.

No caso do Badmington a estratégia foi de praticar com os meus colegas de estágio a modalidade bem como estudar as regras da modalidade, e observação de vídeos.

Sabendo à partida que os alunos já tinham jogado Badmington em outros anos, a avaliação diagnóstica, foi realizada no sentido de eu próprio identificar as técnicas, desenvolvendo o meu nível de observação para o badmington, e criar um ponto da situação em que os alunos se encontravam.

A exposição dos conteúdos, foi organizada tendo em conta um formato da base para o topo, devido ao fraco conhecimento do jogo de badmington. Ainda assim à medida que as aulas foram sendo planeadas, fui ganhando mais confiança, e houve alturas em que o conhecimento do jogo já era mais profundo, o que me deu oportunidade para realizar certos conteúdos do topo para a base.

Na abordagem inicial da modalidade realizava exercícios mais analíticos, tendo à posterior, realizado a exercitação das diferentes técnicas em situação de jogo, colocando regras específicas, para o que queria trabalhar.

Em conclusão sobre a abordagem desta modalidade, senti necessidade de abordar conteúdos de uma maneira mais consistente que outros, deixando-os mesmo para segundo plano.

Esta actuação deve-se profundamente a duas razões.

- 1) Devido às condicionantes da planificação surgidas durante o 2º período como a greve dos funcionários e a marcação de exame intercalar de Matemática, fez com que uma aula não fosse realizada. Esta condicionante levou-me a uma outra decisão.
- 2) Durante as aulas, senti que tinha escolhido demasiados conteúdos, para o número de aulas que existiam, ainda para mais o facto descrito no ponto 1, fez com que fosse abordado menos uma aula.

A concentração no essencial é importante (Bento, 2003).

Posto isto, é importante, em unidades didácticas pequenas, o professor olhar para a avaliação diagnóstica e escolher os conteúdos que os alunos possam ter maior sucesso, consolidando-os. A introdução de novos conteúdos, deve ser bastante cuidada, não abordando muitos, pois o tempo é pouco.

4.2.4 Observações

Uma das tarefas que esta área prevê é a observação dos colegas estagiários, assim como a observação de uma turma que seja leccionada pela Professora Cooperante. No nosso caso, a observação à Professora Cooperante, não seria possível, pois a mesma, não possuía mais nenhuma turma. Ficou então decidido que observaríamos outros Professores de Educação Física.

O processo de observar é fundamental para vermos estratégias utilizadas em contextos diferentes. Fornece-nos uma experiência nova, para além de ajudar a desenvolver a nossa própria observação. Observação fundamental para nós profissionais de Educação Física.

As observações efectuadas, seriam observações sistemáticas. As observações sistemáticas podem-se entender como um processo de recolha de informação objectiva do processo de instrução (Gomes, Silva; Queirós 2000). O método usado foi a Régua do Tempo (time line) onde se usaram as seguintes categorias.

- Professor (comportamentos)
- Actividades da aula (situações de aprendizagem)
- Alunos (comportamentos)
- Rotinas Organizativas.
- Interações (Clima, Disciplina, Controlo activo)

Para além destas categorias, foram registados diversos tempos de aula como transições, empenhamento motor da aula e específico do aluno, organização e gestão dos exercícios, espera dos alunos e instrução aos mesmos.

As observações deram-nos uma ajuda bastante boa, para termos noção do nosso comportamento na aula, como gerir os tempos, estratégias para reduzir tempos mortos ao mínimo possível, bem como o desenvolvimento da observação no professor de Educação Física que é fundamental para a nossa disciplina.

Bem como a observação aos nossos colegas e a outros professores foi fundamental para idealizarmos, outras maneiras de actuar em relação a diferentes turmas e gestão de aula no caso de horários de 45 minutos.

4.3 Participação na Escola – Área 2

Esta área contempla as actividades não lectivas que iremos realizar enquanto professores estagiários. São actividades onde, podemos perceber de uma forma mais real a comunidade escolar, promovendo uma maior interacção com a mesma.

Uma das actividades já realizadas, mas não organizadas por nós, foi o dia da alimentação, na qual ajudamos neste dia na distribuição de fruta aos alunos.

O balanço deste dia foi positivo, os alunos participaram e mostraram interesse, penso que perceberam os benefícios de uma boa alimentação.

Participamos também numa acção de formação em dança, promovida por um outro núcleo de estágio. Qual a vantagem desta acção? A vantagem é, nós estarmos preparados para poder ensinar a dança na escola, fazer com que os alunos gostem e tenham um melhor aproveitamento da dança.

4.3.1 Acção de Formação “Ténis de Mesa na Escola”

No âmbito da área 2 participação na escola, foi organizado uma acção de formação.

Para essa acção ter lugar foi, preciso organizar, encontrar uma ideia, realizar um projecto.

Um Projecto é uma combinação de tarefas e de recursos coordenados entre si, no espaço e no tempo, com vista à obtenção de um determinado objectivo (Pires, 1987).

É um conjunto de actividades e tarefas específicas não repetitivas, sequencialmente independentes, com determinados objectivos a atingir sob certas especificações.

Nós, núcleo de estágio para chegarmos a estas definições foi preciso encontrarmos uma ideia para a realização do projecto. Esta tarefa de realizar

um evento, seria bastante positiva para a nossa formação abraçando a ideia com bastante empenho.

Segundo Almeida (2001), citando (Ferrand 1995) e (Parente et al. 1999), apresenta quatro fases de gestão que podem ser consideradas para a organização de um evento desportivo, estando as mesmas organizadas cronologicamente desde a ideia inicial até ao final do evento desportivo, sendo analisadas sob dois níveis: o operacional e o burocrático. Essas 4 fases são a fase inicial (*Estudos preliminares*), como a altura em que a ideia nasce. Nesta fase, foram realizadas diversas reuniões tendo ficado registado em acta de núcleo os passos que foram sendo realizados. Segundo Carvalhido (2002), o local onde se irá realizar o evento é de prioridade absoluta, pois pode contribuir directamente para o fracasso ou sucesso do evento.

Tendo em conta as próprias condições da escola e material disponível, olhando para a nossa própria formação e atendendo ao desporto escolar, decidimos organizar uma acção de formação em Ténis de Mesa visando como principal público-alvo os professores de Educação Física, sendo assim uma forma de dar mais formação de conteúdos aos professores, e como ensinar na escola esta modalidade.

Para nós era uma ideia excelente, pois ganhávamos experiência na organização de uma acção de formação, como ganharíamos experiência nos conteúdos a abordar durante a acção. É exactamente neste ponto em que situamos a segunda fase de gestão de um evento, a Concepção, que acontece mediante a análise dos resultados obtidos da primeira fase, onde é decidido se o evento é realizado. Após as ideias estarem no lugar, foi necessário uma série de procedimentos e infra-estruturas (fase 3 *Actividade*). A última fase da gestão é a *Avaliação*. É nesta que se desenrola o evento desportivo e onde é avaliado todo o processo

Foi necessário então passar por diversas etapas. Para isso seria importante que cada um de nós tivesse tarefas para que a acção de formação se realizasse da melhor maneira possível. Como nos diz Almeida, (2001)

a estrutura organizativa não é mais do que a forma como estão definidas as tarefas e a quem devem ser atribuídas, especifica quem depende de quem, define os mecanismos formais e constitui um conjunto de variáveis complexas, sobre as quais os administradores e gestores fazem escolhas e tomam decisões.

Como já referido, a escolha da acção realizada foi o Ténis de Mesa na escola assim como a escolha do público-alvo, professores de Educação Física. Teríamos então de passar para os procedimentos. Primeiro, saber a disponibilidade da escola para a organização, em termos de espaços e que apoios poderíamos ter. Ficamos então com a certeza que espaço tínhamos, e que a própria escola daria apoio com pessoal, na ajuda da organização e em fotocópias (panfletos informativos, cartas, cartazes, certificados diplomas), o que para nós seria uma excelente ajuda.

Próximo passo, seria falar com alguma entidade de Ténis de Mesa que nos pudesse ajudar, de modo a que a própria acção tivesse um maior impacto.

Para isso dirigimo-nos à Associação de Ténis de Mesa do Porto, apresentar o nosso projecto e saber a disponibilidade que teriam, para nos ajudar com apoio teórico e prático.

Desde logo a associação mostrou-se bastante agradada com a ideia. Foi realizada mais tarde uma reunião com o Mestre Fernando Malheiro seleccionador nacional de Ténis de Mesa, na qual ele próprio mostrou disponibilidade para ser o formador na nossa acção de formação.

Posto isto e de uma maneira bastante resumida deixo aqui uma cronologia do que foi realizado para a acção de formação.

Cronologia da organização do evento:

- 1- Reunião grupo para debater ideia
Escolhida a ideia saber a disponibilidade da escola
- 2- Após a disponibilidade da escola ser positiva, contactar uma entidade da modalidade.
- 3- Sabendo que teríamos o apoio da entidade e a forma como esse apoio seria realizado, passamos para a organização propriamente dita, marcando o dia para a acção.

- 4- Sabíamos neste momento o que precisávamos de fazer, cada um de nós tinha uma função. Passavam por, criar um panfleto, cartazes, endereços de escolas a enviar convites, convites.
- 5- Marketing (inclui enviar cartas às escolas do concelho do Porto e núcleos de estágio da FADEUP, Panfletos, colar cartazes.)
- 6- Pedíamos a confirmação de presença com 2 dias antes ao início do evento.
- 7- Sabendo o número de pessoas, tratamos de realizar cartazes com apoio teórico, e certificados para cada pessoa, juntamente com prémios de participação, e material de apoio à acção.

Chegado o dia da acção de formação, era necessário incutir tarefas de novo, realizar uma check list com tudo o que estava feito e o que ainda faltava para que as coisas corressem bem. Tarefas essas que passaram por recepção aos convidados, organização do espaço e material, organização do lanche. Acharmos importante para esta acção e visto que iria decorrer durante a tarde, terminar a acção com um lanche para todos os participantes

A acção foi um sucesso para nós, tivemos mais participantes do que estaríamos à espera, os horários que nos propusemos foram cumpridos, e a presença do seleccionador nacional deu a esta acção uma maior riqueza a nível de conteúdos. A presença de um atleta da selecção nacional, ajudou a que os conteúdos abordados tivessem uma imagem de como se executa bastante agradável.

Da minha perspectiva, esta acção foi uma experiência de grande relevo, e com certeza tornou-me um melhor profissional no futuro a nível de conhecimentos dos conteúdos abordados.

Penso que o objectivo principal desta tarefa que faz parte do Estágio Profissional é mesmo esse, termos uma noção de como realizar algo desta envergadura, e formas de nos desenvolvermos profissionalmente e até mesmo a comunidade escolar, sejam eles professores, alunos ou funcionários.

4.3.3 Outras actividades

No âmbito desta área, foram realizadas outras actividades com participação bastante activa na escola.

Uma das actividades em que houve participação, foi nas actividades do Desporto Escolar.

A nossa professora cooperante, liderava uma equipa de Voleibol feminino e propôs-nos que a acompanhasse-mos aos respectivos jogos. Nem sempre foi possível ir a todos, mas haveria uma presença constante de um membro do núcleo de estágio de forma a poder partilhar a experiência. Falando nomeadamente do meu caso, assisti a 4 jogos do desporto escolar. Foi uma experiência bastante agradável, onde se tiram conclusões e aprendizagens bastante boas.

Desta forma e como futuros profissionais da educação, enquadram-se em actividades que teremos obrigatoriamente de participar. Podemos então retirar que esta participação, trouxe conhecimento a nível legislativo da organização do desporto escolar, nomeadamente como preencher as fichas de jogo, fazer o lugar de secretário ao jogo.

Outra reflexão importante é os cuidados que o professor tem de ter, para com os alunos desde a concentração para o jogo até ao seu final. O professor tem de ter cuidados com os alunos, nomeadamente, meios de transporte, lanche para o jogo, equipamentos, material desportivo etc. Para além do mais a responsabilidade que o professor tem em manter a organização da equipa a partir do momento em que os alunos saem da escola de encontro à escola adversária.

Concluindo, foi bastante interessante esta participação, como já referido as aprendizagens foram boas para o nosso desenvolvimento como professores.

A participação na escola inclui igualmente ter de participar em todas as reuniões de conselho de turma, bem como as de agrupamento. Participamos ainda nas reuniões sobre regras para os exames nacionais, o que mostrou ser algo que poderia fazer parte do nosso estágio, participar em vigília dos exames nacionais, seguindo todo o protocolo inerente. Tendo em conta que por

questões de protocolo, e visto que não somos “professores legais” é compreensível que tal participação não seja contemplada.

Uma outra reunião foi a de formação para directores de turma, acerca do programa informático para qualificar as notas aos alunos.

Como função de direcção de turma, foram realizadas algumas tarefas que nos serviram de aprendizagem. Logo no início do ano lectivo, foi realizado a caracterização da turma para a directora de turma dar início ao desenvolvimento dos alunos ao longo do ano lectivo.

Com a colaboração da professora cooperante, visto que a docente tinha uma direcção de turma, permitiu por diversas vezes que nós retirássemos, faltas aos alunos e colocá-las no sistema. Foi presenciada uma reunião com um encarregado de educação e como esta deve ser conduzida. Deve-se ter bastante calma, analisando o assunto que levou o encarregado de educação à escola, e saber como responder ao respectivo encarregado de educação, possuindo todas as informações possíveis sobre o respectivo educando.

Enquadrando então no assunto encarregados de educação, foi igualmente trabalhado, na correspondência para os mesmos, assim como uma planificação das matérias e características dos alunos na aula de educação Física para estes receberem. Esta tarefa servia como uma forma de os encarregados de educação terem informação periódica sobre o progresso às respectivas modalidades, bem como assiduidade e participação.

O trabalho de director de turma não é fácil, mas acredito ser estimulante. Para além de ser o chefe da turma, é igualmente aquele que tem de se justificar perante os encarregados de educação. Cabe ao director de turma, ter o máximo de informações possíveis sobre os alunos, de forma a estar preparado para qualquer reacção menos positiva por parte dos Encarregados.

É importante que estes possuam um conhecimento legislativo sobre o estatuto do aluno, bem como as suas respectivas funções.

Para terminar e seguindo o que no diz Roldão, (2007) a função de Director de Turma incorpora um conjunto de vertentes de actuação correspondendo aos seus diversos interlocutores: alunos, professores e encarregados de educação. A actuação do Director de Turma junto dos alunos

e encarregados de educação tende, na prática mais comum, a prevalecer sobre a acção junto dos professores que é, contudo, uma dimensão crucial deste cargo, que não pode, aliás, ser dissociada das restantes.

4.4 Relações com a Comunidade

Neste ponto irão ser referidas as condições da escola, efectuando uma caracterização mais completa sobre a escola onde se realiza o estágio profissional.

Iráo ser igualmente referidas a participação na semana da Fontes evento onde as relações com a comunidade são bastante próximas, levando alunos, professores, funcionários ao parque da cidade do Porto, para um convívio bastante saudável entre todos.

Houve ainda uma actividade de iniciativa do núcleo de estágio, em realizar um jogo de Futsal contra os alunos no final do 2º período, tendo participado alunos do desporto escolar, da turma 12ºB e 11ªA.

4.4.1 Caracterização da Escola

A escola Secundária Fontes Pereira De Melo está situada na freguesia de Ramalde, no concelho do Porto, estando mesmo em frente ao Estádio do Bessa XXI, “casa” do Boavista FC. O **Porto** é um município português de 41,66 km² de área onde residem 216 080 habitantes (Instituto Nacional de Estatística dados de 2008)

A cidade metropolitana é formada por municípios adjacentes que formam entre si um único aglomerado urbana conta com cerca de 1 200 000 habitantes. Além disto, é o centro de uma grande área metropolitana com cerca de 1,7 milhões de habitantes.

A escola Fontes Pereira de Melo tem já 49 anos de existência; a 15 de Dezembro de 1960 foi criada na cidade do Porto, pelo Decreto-Lei n.º 43 410 a Escola Industrial Conde Ferreira que nunca chegou a funcionar. Esta escola passou a denominar-se Escola Industrial Fontes Pereira de Melo, conforme consta da Portaria 23 551, de 21 de Agosto de 1968.

A Escola nasceu a 4 de Novembro de 1968, nas instalações provisórias anteriormente ocupadas pelo Instituto Industrial, na Rua do Breiner, n.º 164,

A Escola debateu-se, ainda, com a inexistência de cantina e instalações desportivas condignas.

Em 1984, a criação dos Cursos Técnico-Profissionais, com as exigências próprias do seu funcionamento veio a acentuar ainda mais a precariedade das instalações. A mudança tornou-se inevitável. Em 1987, finalmente, é inaugurada a nova Escola junto ao Estádio do Bessa, onde já funciona o Ensino Unificado. No ano lectivo seguinte a Escola começou a funcionar na totalidade no novo espaço, com os cursos Técnico-Profissionais da área B: Electrónica, Mecânica e, mais tarde, Informática, além de cursos via de ensino da mesma área.

A Escola é constituída por cinco blocos e um Pavilhão Gimnodesportivo separados por espaços verdes e campos de jogos. No bloco central funcionam: o Conselho Executivo, os Serviços Administrativos, a Papelaria/Reprografia, o PBX, o Refeitório e o Bufete. Existem ainda, o Polivalente, a Sala dos Professores, a Sala do Pessoal Auxiliar de Acção Educativa.

Nos restantes blocos, funcionam as actividades lectivas. No bloco 1, para além das salas de aula normais, há laboratórios de Biologia, um laboratório de Línguas, uma sala Multimédia e gabinetes de apoio a diferentes agrupamentos disciplinares.

No bloco 2, existem os laboratórios de Electrotecnia/Electrónica, os laboratórios de Química, as salas de Informática, as Oficinas de Electrotecnia/Electrónica, gabinetes de apoio a diferentes agrupamentos disciplinares e o gabinete do SASE.

No bloco 3, existem os laboratórios de Física, as salas de Educação Visual e sala de Oficina de Artes, salas normais adaptadas ao CRVCC, a sala dos Directores de Turma, a sala TIC, o Centro de Recursos Educativos e gabinetes de apoio a diferentes agrupamentos disciplinares.

Existe a oficina de Mecânica, uma sala de formação em CAD/CAM, salas de Desenho e Geometria Descritiva, Laboratório de Frio e Climatização, sala de Educação Tecnológica e gabinetes de apoio aos agrupamentos disciplinares da área de Mecânica.

No Pavilhão Gimnodesportivo existe além da nave principal com bancadas interiores, uma sala de ginástica, balneários e gabinete de apoio ao agrupamento de Educação Física.

Neste momento a escola encontra-se em remodelação, estando apenas 3 blocos activos, mais o pavilhão gimnodesportivo, estando a maioria dos serviços de administrativos e algumas salas de aula, Pré fabricados.

O pavilhão está dividido em 2 partes aproximadamente semelhantes, onde leccionam 2 professores, assim, e como temos o espaço de ginástica onde lecciona 1 professor. (<http://www.esfpm.com/> 2010)

4.4.2 A semana da Fontes

Como já referido esta semana é a semana onde se festeja o aniversário da respectiva escola. Durante esta semana vários agrupamentos da escola realização actividades onde o convívio entre professores, alunos e funcionários se torna inevitável.

Cabe então ao agrupamento 620 de Educação Física realizar a actividade com maior aceitação e participação na escola, claro está no meu ponto de visto. Passo a justificar o porquê.

O evento organizado pelo grupo de Educação Física realiza-se no Parque da Cidade no Porto, e prevê actividades desportivas durante toda a manha. O evento em si chame-se “manhã no parque” e como o nome diz passa-se durante toda a manhã no parque da cidade. Engloba actividades como torneios de Voleibol, Futebol de 7, Jogos Tradicionais, caminhada, sessão de Aeróbica.

Para que este evento corresse bem, cada professor de Educação Física ficou responsável por uma dada actividade.

A nós núcleo de estágio, coube a função de realizar uma actividade de Aeróbica.

Ajudamos igualmente na organização das t-shirts, a serem oferecidas a todos os professores alunos e funcionários.

A manhã em si foi de um ambiente único, alunos, pessoal docente e não docente, todos juntos a conviver, a participar em todas as actividades, foi uma manhã onde a comunidade se envolveu, criaram-se laços. Os alunos fugiram à rotina, mostrando igualmente grande participação. Sendo uma escola onde

existem alguns problemas de indisciplina, este evento com ajuda da Educação Física através do Desporto, ajudou a que possivelmente essa indisciplina desaparecesse por alguns momentos.

Seria bastante positivo para a escola, que um evento desta categoria se organizasse mais vezes ao longo do ano. Seria igualmente um estudo interessante de se realizar, procurando ver se existem vantagens do que o desporto pode trazer à falta de disciplina.

4.5 Desenvolvimento profissional.

Nesta área do estágio estão previstas várias tarefas a serem realizadas ao longo do ano lectivo: elaboração do Projecto de Formação Individual, elaboração de um portefólio de estágio e a elaboração de um relatório crítico final do estágio pedagógico. São tarefas que nos impõem uma reflexão do que estamos a fazer, do que iremos fazer e perceber o que temos de ainda de desenvolver. Além destas actividades de cariz teórico surge a prática pedagógica, o estágio. Este permite-nos adquirir a experiência necessária para começar mais tarde a nossa profissão, naturalmente uma experiência inicial, visto que o processo de educar não se esgota com o estágio.

A nossa formação académica dá-nos uma experiência nos desportos mais comuns em teoria, mas a realidade é completamente diferente, no que diz respeito a ensinar. Ainda assim, faltam-nos experiência noutras modalidades que são abordadas no contexto escolar, como os desportos de raquetes, patinagem, expressões corporais e natureza. Perante esta realidade, temos de nos adaptar, é necessário continuar a apreender, para estarmos prontos a ensinar com qualidade.

Ter uma constante formação é necessária para podermos estar actualizados, preparados e acima de tudo competentes.

O desenvolvimento profissional do professor é uma coisa que me preocupa, e esta preocupação levou-me a pensar num possível estudo sobre o desenvolvimento do professor de Educação Física. Procurar saber o que acontece durante o trajecto do professor. No ponto 3.4 é realizado uma revisão bibliográfica com o intuito de realizar neste ponto um estudo sobre o desenvolvimento profissional do professor.

Assim sendo e recordando o já referido as diferentes etapas no desenvolvimento Profissional do professor de Educação Física são consideradas por Fuller (1969) onde diz que os professores atravessam três estádios distintos ao longo da sua carreira profissional

Huberman (1989,1995,2000) propõe a existência de seis fases que marcam o processo de evolução da profissão docente.

O propósito deste estudo é tentar situar em que estágio de desenvolvimento ou fase, se encontravam os professores de Educação Física na Escola Fontes Pereira de Melo.

Tentar perceber estratégias adoptadas pelos professores tendo em conta o seu tempo de serviço e eventuais diferenças. Procuro igualmente saber as dificuldades sentidas durante o seu trajecto como professor e expectativas para o futuro.

Dentro da bibliografia pesquisada encontram-se alguns estudos, referentes ao desenvolvimento do professor visto de uma maneira geral. Foram encontrados estudos mais específicos sobre professores de Ciências, Matemática, Piano e Física.

Comparando estas disciplinas com a Educação Física, a maneira de actuar é completamente diferente. Começando pela diferença da sala de aula, critérios de avaliação, para não falar do modo como se abordam os conteúdos.

Existe então uma curiosidade para saber até que ponto, os modelos propostos se poderão enquadrar nas fases de desenvolvimento propostas pelos autores descritos.

4.5.1 Métodos e procedimentos

Para realizar este estudo foi feita uma abordagem qualitativa. As questões, devem ser questões abertas com possibilidade de pedidos adicionais de esclarecimento possibilitando respostas detalhadas relativamente às experiências, percepções, opiniões, sentimentos e conhecimento das pessoas.

Os dados consistem em transcrições literais suficientemente contextualizadas para poderem ser interpretadas (Patton, 2002).

As entrevistas a serem realizadas são semi-estruturadas e combinam perguntas abertas e fechadas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto.

Quem entrevista deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, sendo realizadas num contexto ao de uma conversa informal. É necessário estar atento ao que o entrevistado responde, pois no momento que achar oportuno desviar a conversa para o tema que interessa, podendo mesmo fazer perguntas adicionais de maneira a ajudar na compreensão das questões, caso o entrevistado fuja do contexto.

Este tipo de entrevista é muito utilizado quando se quer delimitar o volume das informações, obtendo uma direcção maior para o tema, com o objectivo de cumprir com os objectivos propostos (UFSC 2005).

4.5.2 Grupo de Estudo

Para este estudo interessa que o grupo sejam professores Educação Física, e ter em conta os diferentes anos de experiência no ensino da Educação Física.

Para isso foram realizadas 4 entrevistas a 4 professores que pertencem ao pessoal docente nomeadamente o grupo 620 de Educação Física.

O grupo de estudo tem então 4 professores, dois do sexo feminino e dois do sexo masculino.

Definidos da seguinte maneira:

- 1) Professor com 12 anos de serviço
- 2) Professor estagiário 1 ano de estágio
- 3) Professora com 17 anos de serviço
- 4) Professora com 35 anos de serviço

4.5.3 Guião da entrevista

Para realizar entrevistas semi-estruturadas deve ser elaborado um guião. O guião serve de orientação à entrevista procurando efectuar questões determinantes sobre o tema a abordar.(ver Anexo I)

Visto que serão realizadas entrevistas semi-estruturadas, as suas questões devem ser claras neutras. Devem ser evitadas questões dicotómicas, que dificultam o conhecimento das opiniões como limitam a expressão dos entrevistados. O entrevistador deve ter cuidado para não induzir as respostas nem facultar associações.

Patton (2002) refere que no guião é possível considera tipos de questões:

- 1) De experiências/comportamentos/vivências; 2) De opinião/valor; 3) De sentimentos; 4). De conhecimentos; 5). Sobre sensações.6) identificação.

Para a entrevista interessa-nos fazer questões que tenham a ver com experiências identificação e sentimentos.

O guião das entrevistas encontra-se organizado tendo em conta uma evolução no tempo, que vai de acordo com os estádios de Fuller (1969). Apresenta também uma evolução profissional mais congruente com Huberman (1989,1995,2000). A entrevista em si, guia o entrevistado desde o início do seu estágio pedagógico até um possível final de carreira. Assim como evolução profissional que teve, ou (não) gostaria de ter. (Consultar anexo 1):

4.5.4 Procedimentos para a realização da entrevista

Após a construção do guião, houve preocupação para junto dos professores que iriam realizar a entrevista de efectuar um convite informal. A entrevista iria ser realizada a professores com diferentes anos de serviço a leccionar na ESFPM.

Houve preocupação que os entrevistados tivessem anos de serviço diferentes, isto é, haver diferenças significativas entre anos de serviço. Igual preocupação sentida, em que houvesse no conjunto de entrevistados um elemento em final de carreira e outro em início. As entrevistas ocorreram em fins de Maio de 2010 e inícios de Junho 2010.

Sendo assim as entrevistas foram realizadas individualmente usando como gravação a aplicação do telemóvel LG K990i, bem como a aplicação de gravador do Laptop Toshiba satellites A200. A utilização de dois meios seria mais segura, para prevenir possíveis falhas no momento da transcrição das entrevistas.

Em todos os entrevistados foi dito o tema da entrevista, assim como a obtenção de autorização para a realizar. Para complementar esta autorização foi pedido á direcção da escola, se seria possível que as entrevistas ocorresse na mesma.

O Local da entrevista foi no gabinete do pavilhão da escola de maneira a que não houvesse factores que perturbassem a concentração do entrevistado pois de acordo com Patton (2002) as entrevistas são de uma investigação qualitativa naturalista. O facto de se realizarem na escola permite aos entrevistados que tenham um ambiente familiar e conforto.

4.5.5 Análise dos dados e procedimentos

A Transcrição das entrevistas constitui o primeiro passo para proceder à análise dos dados (Patton, 2002) (A transcrição das entrevistas na íntegra, encontra-se nos anexos dos CDs).

Após a recolha da informação e dada a natureza dos dados, procedeu-se à respectiva transcrição dos mesmos utilizando os programas Windows Media Player 11 e Microsoft Office 2007- WinWord

Realizamos numa ordem cronológica. De acordo com (Bardin 2004) esta cronologia obedece a três fases. São elas.

- 1) Pré análise, onde se organiza e prepara o material para a análise.
- 2) Fase de exploração do material onde se lê e revê o material transcrito
- 3) Interferência e interpretação onde se estudo os dados tratados, reflectindo sobre eles chegando a conclusões de leitura

Assim sendo, passaremos de seguida para a discussão dos resultados obtidos.
(Anexo 3 - Entrevistas em pdf no CD-ROM)

4.5.6 Discussão dos resultados

Neste ponto irão ser discutidos e apresentados os resultados comparando-a com a bibliografia pesquisada.

Logo na primeira pergunta efectuada, sabia-se os anos de serviço do professor. Logo por aí, conseguimos colocar todos os entrevistados, nas fases propostas por Huberman (1989,1995,2000). Posto isto foi analisado caso a caso (Consultar Anexos 2), esperando com esta estratégia cumprir com os objectivos propostos.

Paralelamente, foi feita a comparação em relação aos estádios de Fuller (1969).

Objectivo 1 - Saber em que estágio e fase se encontram os professores de Educação Física na escola Fontes Pereira de Melo tendo em conta o modelo de Fuller (1969) e Huberman (1989,1995,2000).

Autores	Fases /Estádio	P1	P2	P3	P4
Huberman	FASE 1 – A entrada na carreira (de 1 a 3 anos de profissão)		X		
	FASE 2 – Estabilização (de 4 a 6 anos de profissão)				
	FASE 3 – Diversificação e Experimentação (de 7 à 25 anos de profissão)	X		X	
	FASE 4 – Serenidade e distanciamento afectivo (de 25 à 35 anos de profissão)				X
	FASE 5 – Preparação para a aposentadoria (de 35 à 40 anos de profissão)				
Fuller	Estádio 1 – Sobrevivência		X		
	Estádio 2 – Mestria				
	Estádio 3 – Impacto	X		X	X

Tabela 1

Para este objectivo observa-se que os professores entrevistados obedecem de uma maneira geral, às fases propostas por Huberman.

Já em relação aos estádios de Fuller, como não existe a referência tempo (anos de experiência), torna-se mais complexo a sua abordagem. O que podemos afirmar, é que professores com 12 anos ou mais, encontram-se no estádio 3 de Fuller.

Já para o caso do professor estagiário, era de esperar que se encontrasse no estádio de sobrevivência, apesar de em algumas questões apresentar características do estádio 2.

Pode então dizer-se que o professor estagiário poderá estar a caminho dessa fase, seguindo então a sequência do proposto por Fuller.

Talvez o facto de este professor já lidar antes do seu estágio com alunos
E2P2“...já dou treino há muitos anos.”

Denota-se em concordância com o estádio 1 que o professor tem algumas preocupações em relação aos alunos nomeadamente em relação ao lidar com os alunos.

E2P4.“... É lidar com alunos com professores, penso que é fundamental um professor gerir orientar uma turma, penso que só com uma boa liderança dentro da sala de aula é que o professor pode por em prática tudo o resto, não interessa saber muito se o professor não liderar os alunos fazem o que querem do professor, não consegue por em prática o que pretende.”

Já os outros professores respondiam de uma forma, sem se preocuparem com o controle dos alunos, mas em transmitir algo mais que os respectivos conteúdos.

E1P4 “é transmitir alguns valores tentar socializar ao máximo com os alunos que nos aparecem pela frente...”

E3P4 “Neste momento da minha carreira, capacidade em lidar com os alunos acho que já esta dominada, domínio dos conteúdos é importante mas agora acho que passa também por transmitir para além dos conteúdos”

E4P4“ Eu considere sempre o mais importante o transmitir algo de importante aos alunos, sempre!”

Objectivo 2.

Perceber Estratégias adoptadas pelos professores, tendo em conta o seu tempo de serviço e eventuais diferenças.

Para este objectivo retiramos o seguinte. Quanto mais tempo os professores de Educação Física vão acumulando experiência, menores são as preocupações em relação ao domínio dos conteúdos e controlo da turma, preocupando-se mais em conciliar a abordagem dos conteúdos com transmissão de valores.

Nos professores com mais anos de carreira foram observadas diferentes estratégias. Nomeadamente em relação à transmissão de conteúdos. Por exemplo o professor 1, diz-nos que tenta cumprir ao máximo o programa abordando os conteúdos na forma de jogo, afirmando que para ele o fundamental é que os alunos adoptem o hábito de realizar desporto.

E1P5 *“Eu tento sempre cumprir ao máximo o programa para cada ciclo.e se nos queremos inculir alguns hábitos de actividade física e bem-estar, penso que temos de cultivar esse gosto pelo desporto nos alunos, portanto, tem que haver aqui um ponto de equilíbrio muito grande entre o cumprir o programa e ao mesmo tempo pressionar esse gosto esse prazer pelo desporto nos alunos..... o sucesso dos alunos a praticar determinada modalidade, privilegio quase sempre situações de jogo”*

Em relação à planificação O Professor 2 estagiário fala-nos que por obrigações de estágio compre com todas as planificações pedida. Mas prevê uma possível situação no seu futuro profissional dizendo E2P5 *“...falando mais focado numa perspectiva futura penso que é fundamental fazer planificação anual, fundamental dá-nos outra capacidade de gerir e lidar com a turma e de estar orientado para todo o ano lectivo..”*

Refere igualmente aos restantes elementos de planificação que *“em relação aos mec's acho isso secundário para dar aulas acho que um mec é secundário o professor sabendo como se transmite a matéria e como se evolui, acho que não é preciso ter isso escrito em papel, em relação aos planos de aula, nunca vou fazer ou nunca irei fazer planos de aula como fizemos este ano com tudo e mais alguma coisa mas acho que é preciso fazer uma aula nem que seja 3 ou 4 linhas e numa espécie de sequência agora vou fazer isto agora vou fazer aquilo, não é preciso descrever o exercício, basta dizer por exemplo vou fazer o jogo da bola ao capitão em 3x3 uma pessoa já sabe o os objectivos e conteúdos que queremos trabalhar , não precisamos estar a escrever , porque também não vamos ser avaliados, como estamos a ser neste momento”.*

Já o professor 3, também fala-nos da planificação, referindo um ponto de vista diferente do professor 1, e da perspectiva futura do professor 2.

O professor 3, fala-nos na importância que é a avaliação diagnóstica, e as características pessoais dos alunos, só a partir daí constrói as unidades didácticas e selecciona os conteúdos, procurando o sucesso dos alunos, abordando matérias que sejam realistas para eles. Apesar de construir a unidade didáctica, revela que dependendo da evolução dos alunos pode cumprir até ao fim, ou não, demonstrando aqui grande preocupação é no sucesso dos alunos.

E3P5 “- Acho que neste momento, desde alguns anos para cá a intuição acho que é muito importante, partindo da avaliação diagnóstica que é feita e do conhecimento que vou tendo dos alunos ter em termos de características pessoais. A planificação é feita, a unidades didácticas são estruturadas para que eles consigam dar melhor de si , não tendo em conta a unidade , se conseguir cumprir muito bem , se não se conseguir é bom que se cumpra e se vá o mais longe possível nem todos os alunos podem cumprir as unidades didácticas”

A planificação anual é também referida pelo professor 4 dizendo “No estágio é evidente que planificamos aula a aula temos um orientador é mais “complicado”, é diferente, actualmente eu faço uma planificação anual e depois planifico, não te vou dizer que planifico as minhas aulas, eu planifico todas, não planifico é como planificava quando tive o meu estágio em que escrevia tudo para o papel aquele e o outro, não, divido por fases uma movimentação geral ... propriamente dito, em função de cada uma das modalidades.

Relativamente à maneira como os professores abordam a sua maneira de transmitir os conteúdos, o professor estagiário fala-nos no estilo directivo em relação à organização da aula. Considera igualmente que o aluno deve ter espaço para a criatividade (E2P6) .

Já o professor 1, afirma que tem um estilo muito próximo, afirmando que costuma jogar com eles nas aulas, o que vai de encontro à sua metodologia de ensinar os conteúdos pela forma de jogo. Apesar de consideram um estilo muito “próximo” afirma que tem a desvantagem de os alunos entenderem que podem fazer o que querem “nessa altura nos temos que vincar bem quem é que é o aluno e quem é que é o professor e eles com o tempo vão percebendo isso”

O professor número 3, realiza um estilo de ensino, mediante a turma que tem. Analisa a turma, e toma as decisões, considerando sempre que o aspecto humano é mais importante que os conteúdos. Nas suas palavras

“- A imagem que tem de mim inicialmente, é muito austera, muitas regras, muita exigência e a exigência mantêm-se, mas depois aparece acho eu mais a parte da pessoa que é amiga, que é preocupada com os alunos quer em termos de desempenho na aula de Educação Física, mas também no desempenho deles na escola e mesmo fora da escola”

Já o professor número 4, refere uma junção de 3 maneiras aqui referidas, isto é, *“Eu acho que tenho as duas vertentes, e se falar com os meus alunos é isso que eles sentem. Eu tão depressa sou a autoritária como estou a brincar com eles, sou a amiga e a professora ao mesmo tempo, só que eles tem de saber quando é a amiga a falar com eles e quando é que está a professora a trabalhar com eles”*

Após esta referência por parte da professora número 4, achei que a pergunta seguinte daria algo mais, por isso coloquei a seguinte questão.

“De uma certa maneira não se sente “mãe” deles?”

“Sim, sem dúvida alguma, isso acontece-me principalmente aqueles alunos que acompanho há anos, e muito especificamente com as direcções de turma que tenho que as acompanho durante 3 anos lectivos em todos os aspectos sou a mãe que ralha castiga e sou a mãe amiga.”

Pareceu-me que o professor número 4, tendo em conta os seus anos de serviço, via os alunos mais do que amigos, o que vai um pouco em conta fase 4 serenidade e distanciamento afectivo

Objectivo 3 - Saber as dificuldades sentidas durante o seu trajecto como professor e expectativas para o futuro.

Tendo em conta as expectativas para o futuro, dois professores foram alusivos às mudanças que a disciplina de Educação Física sofre a nível de habilidades. O professor 1, afirma mesmo que a Educação Física nos moldes actuais (E1P13) terá de sofrer alterações, referindo-se á actividade física em função da saúde, considerando mesmo que existe ainda muito caminho para desbravar.

Já o professor 2 (E2P13) considera que a constante evolução da Educação Física no que diz respeito às modalidades em que as habilidades são abertas, assim como novas formas de ensinar.

Já o professor 3, considera como perspectivas futuras, algum receio em relação à constante mudança da legislação, receando que essas alterações a façam mudar a maneira como é professora. (E3P13)

Durante o trajecto dos professores, são visíveis 3 percursos diferentes, isto é, uma professora que só realizou estágio 5 anos depois de já leccionar (E4P2), estando já a muitos anos na mesma escola. Outros dois professores que tiveram mais ou menos um trajecto em que realizaram e logo após o estágio seguiram na profissão de Educação Física (E1P2). Um caso mais recente, em que as condições do estágio são diferentes em relação à uns anos atrás, tendo expectativas bastante baixas em conseguir dar aulas no próximo ano lectivas. (E2P2).

4.5.6 Conclusões:

Após a análise e discussão dos resultados, conseguimos situar todos os professores nas fases de (Fuller1969) e nas fases de Huberman (1989, 1995 e 2000).

Tanto o professor 1 como o professor 3 estão na fase de diversificação e experimentação. Já no caso do modelo de Fuller (1969), há algumas diferenças relativamente a quando acabaram o seu estágio pedagógico e iniciaram a profissão, o professor 1 diz-nos que a sua preocupação era em lidar com os alunos, já o professor 2, pareceram que revelava preocupações com os conteúdos e a melhor forma de os transmitir.

Já o professor que está em estágio, coincide com o estágio de sobrevivência revelando preocupações em lidar com os alunos.

O professor com mais experiência situa-se na fase 4 (serenidade e distanciamento afectivo), ainda que em alguns pontos, o modelo proposto por Huberman (1989,1995 e 2000) não coincida.

O professor 3 com mais experiência situa-se no estágio 3 do modelo de Fuller (1969).

Em questão ao desenvolvimento profissional, não foi possível, perceber qual seria o tempo necessário para passar do estágio 2 para o 3. Podemos então dizer, que com 12 anos de experiência, (tempo mínimo estudado) o professor poderá situar-se no estágio 3 de Fuller (1969).

Em relação às estratégias dos professores retira-se o seguinte:

- Planificação anual é importante.
- Planos de aula, não da maneira que se faz no estágio, mas tendo em conta como um guia para a aula.
- Unidades didáticas estruturadas de forma a serem realistas para os alunos, não sendo obrigatório segui-la até ao fim. Preocupação fundamental é que eles apreendam os conteúdos
- Ensino através do jogo

Terminando então as conclusões podemos afirmar que, que o professor de Educação Física necessita de estar em constante actualização em relação a métodos de ensino e conteúdos.

O desenvolvimento profissional dos professores entrevistados, é diferente, e seria uma boa proposta para um estudo transversal, perceber o desenvolvimento que os professores terão tendo em conta os moldes actuais.

Encontrar vantagens ou desvantagens na formação em ensino da Educação Física, que era realizada antes de Bolonha e pré Bolonha.

Podemos concluir que o Professor de Educação Física revela grandes preocupações a abordar os conteúdos como forma de transmitir valores aos alunos.

Realizando uma previsão da minha parte, percebe-se que o futuro professor, irá ter grandes dificuldades no seu desenvolvimento, podendo mesmo acontecer o que Huberman (1989, 1995 e 2000) propõe na sua 1 fase, o abandono da profissão.

5 - Conclusão e Perspectivas Futuras

No percurso realizado no ano lectivo 2009/2010 na Escola Secundária de Fontes Pereira de Melo, foi de grande valorização pessoal e profissional. No estágio profissionalizante foram aplicadas estratégias apreendidas durante os 5 anos de formação académica. Outras, com a prática que iam sendo aplicadas, surgiram tornando-me melhor profissional e melhor professor.

O estágio profissional constituiu uma importante etapa na minha formação inicial.

Durante todo o ano lectivo, tentei dar o melhor de mim e explorar ao máximo as minhas capacidades de modo a realizar todas as actividades propostas, terminando com a realização deste relatório.

Para isso muito contribuiu um enorme esforço em termos pessoais para apreender, para retirar ensinamentos válidos das experiências vividas, mas também a importante ajuda da professora cooperante e orientadora de estágio, bem como os meus colegas do núcleo de estágio.

Do estágio profissional retiro conhecimentos a nível da matéria de ensino, como o Badmington e a Dança, podendo dizer que foram sem dúvida, os maiores desafios neste ano lectivo que passou. A organização de um evento ajudou a ter noção prática de como se deve organizar, bem como o conhecimento apreendido da mesma formação.

A mensagem constantemente transmitida pela orientadora de estágio bem como a professora cooperante sobre a reflexão como elemento importante sobre a nossa acção no processo ensino-aprendizagem, foi consolidada e percebido o quanto é fundamental o professor reflectir sobre todos os aspectos do seu trabalho.

Sem dúvida alguma que o professor necessita de se actualizar, procurar sempre formação. O PNEF tem inúmeros modalidades a leccionar, sendo impossível leccionar todas, mas tendo o professor uma formação rica nos conteúdos, na sua forma de ensinar, pode ao longo da sua carreira profissional abordá-las da melhor maneira possível.

O futuro é incerto, mas de uma coisa tenho a certeza, o gosto pelo ensino e o prazer de leccionar aumentou. Se de uma certa forma, ainda tinha algumas dúvidas sobre se era realmente o que queria, agora tenho a certeza que quero ser professor, ajudar alunos nas mais diversas idades, a formarem-se. Infelizmente esta missão a curto prazo será difícil, devido ao sistema educativo em que o professor está inserido. Procurarei também seguir a minha carreira de treinador de futebol na formação, pois o meu gosto por formar jovens é grande e mais gratificante do que propriamente treinar adultos.

6-Síntese Final

6.1 – Enquadramento Biográfico

O Estágio Profissional, na sua estrutura e funcionamento, considera os princípios decorrentes das orientações legais em vigor, constantes do Decreto-lei nº 74/06 de 24 de Março e ainda do Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro. Tendo em conta as diferentes áreas de intervenção e as funções de um professor integrado na carreira, foram ainda consideradas as áreas de desempenho e alvo de avaliação previstas nos normativos vigentes que se espelham, nomeadamente, no Perfil Geral de Competências para a Docência, decreto-lei nº 240/2001 de 30 de Agosto e no Estatuto da Carreira Docente, decreto-lei nº 15/2007 de 19 de Janeiro.

O termo profissão é uma palavra usada todos os dias, nos mais diversos assuntos da sociedade, por todas as pessoas. Carrasco (2002) refere que profissão não é um termo muito preciso para caracterizar uma categoria sociológica. Utilizando então a palavra profissão nas suas raízes etimológicas, esta origina da palavra latina “professio”, do verbo “profieri”, que quer dizer, confessar, testemunhar, declarar (Sousa 2001).

O meu nome é Hélio José Tabosa Machado, nasci no distrito de Bragança, conselho de Mirandela, freguesia de Mirandela, em 10/07/1984.

O porquê da área de Desporto?

Desde muito jovem que pratico desporto, sensivelmente desde os meus 7 anos. Iniciei-me nas Artes Marciais e mais tarde no Futebol de 11.

Foi nas Artes Marciais que tive afirmação como desportista. Praticando Kung-fu cheguei a representar por duas ocasiões a selecção Portuguesa no campeonato Ibérico em 1997 tendo obtido o 1º lugar na minha categoria e campeonato da Europa em 1998 ficando no 7º lugar. Fui Campeão Nacional por 5 vezes 1994, 1995, 1996, 1998, 1999.

O Núcleo de estágio foi constituído por 3 professores estagiários e uma professora cooperante. O nosso grupo, teve reuniões gerais as terças-feiras por volta das 10:30. Cada um dos estagiários tem uma reunião individual nos restantes dias.

A professora cooperante como “líder”, “guia” do grupo, teve sempre esse papel, guiou-nos para vários lugares, isto é, deu-nos liberdade de escolhermos a melhor maneira de actuar, não nos exigindo que fosse só de uma maneira, mas procurou dar-nos várias maneiras possíveis. Quando nos desviávamos mais do que devíamos, trazia-nos de volta à terra.

6.2 Enquadramento da Prática Profissional

Um professor experiente distingue-se de um professor principiante pelo seu domínio dos conteúdos e pela forma como este consegue relacionar e transformar este conteúdo para estes (Rink 1985; Bernardi, Cristino et al. 2009).

Então o que será o bom professor? Que significado terá este conjunto de palavras. Nóvoa (2009) no ensaio “*Para uma formação de professores construída dentro da profissão*” refere ser impossível definir o bom professor, sem usar indetermináveis listas de atributos e competências. Estando eu em estágio, a leccionar a uma turma do 11º, e fazendo parte do estágio, participar em funções do director de turma, uma dessas funções era tratar de dados estatísticos dos alunos.

Uma das perguntas feitas aos alunos foi “Tipos de professor mais apreciados:” As 3 respostas que mais coincidiram foram:

- 1- Compreensivo/simpático
- 2- Atencioso/bem-humorado
- 3- Paciente/Esclarecedor/Exigente

Lawall, Shinomiya et al (2009) referindo-se ao desenvolvimento profissional do professor entende que são como mudanças que ocorrem ao longo do tempo, em aspectos que determinam o comportamento, o conhecimento, as imagens, as crenças ou as percepções dos professores.

Ponte (1995); Bejarano & Carvalho 2003; Bejarano & Carvalho (2004) em estudos realizados sobre o desenvolvimento profissional dos professores referem os 3 estádios de Fuller (1969). São representados da seguinte maneira:

Estádio 1 - Sobrevivência

- A sua preocupação passa pelo próprio, principalmente com a capacidade para lidar com os alunos, prever problemas que poderão surgir, encontrar recursos adequados para cada situação. Será que vou ser capaz? -O que é que os alunos pensam de mim? -O que é que os colegas pensam de mim? -O que é que eu hei-de fazer se me surgir uma situação em que eu não saiba como agir

Estádio 2 – Mestria

- A preocupação dominante é com a tarefa, concentrando-se na sua actuação e a melhor maneira de adequar um processo ensino aprendizagem que propõem. Existe uma grande preocupação em saber se estão a adequar a matéria da melhor maneira e se mantêm um bom controlo das situações. Qual a melhor maneira de dar a matéria?
Como conseguir que os alunos aprendam o máximo possível

Estádio 3 – Impacto

- A preocupação dominante é com os alunos, isto é, o seu efeito nos alunos. Não procura satisfazer os requisitos de modelos exteriores, mas dar grande importância à avaliação que fazem do seu próprio trabalho. Como conseguir que as minhas aulas transmitam algo de importante para os alunos? Como "chegar" o melhor possível a todos os alunos.

(Bernardi, Cristino et al. 2009) (Serrazina and Oliveira 2000).(Lawall, Shinomiya et al. 2009) referenciam as fases do desenvolvimento Profissional dos professores tendo em conta as fases de Huberman(1989,1995 2000) Assim sendo existe uma proposta de 6 fases pela qual os professores atravessam, e que marcam o processo de evolução, desde o início de carreira até ao seu termino.

FASE 1 – A entrada na carreira (de 1 a 3 anos de profissão)

Esta fase caracteriza-se pela “exploração” na qual o professor faz uma opção pela carreira, experimentado diversos papéis. É uma fase de entusiasmo com a profissão e com as diversas situações que se depara. Questiona-se se o seu desempenho está ou não a ser satisfatório e se conseguirá superar os problemas (disciplina dos alunos, material inadequado) é uma fase onde o abandono da profissão surge com mais frequência. Esta fase caracteriza-se também por dois aspectos:

- A sobrevivência, isto é, há o choque com a realidade, valores do professor serem opostos ao contexto que encontra na escola.
- A descoberta, encontro de uma realidade que o leva a uma transformação humana, a um crescimento profissional.

FASE 2 – Estabilização (de 4 a 6 anos de profissão)

Esta fase é uma fase de opções provisórias, estabilizando-se com o comprometimento definitivo. Aqui ocorre uma escolha de identidade profissional sendo uma etapa decisiva no seu desenvolvimento profissional. É o momento em que o profissional passa a ser professor. Esta fase leva a uma série de escolhas e adaptações a um corpo profissional levando-o a uma independência profissional.

A estabilização é a fase da afirmação do “eu-docente” Existe um maior interesse pelas aprendizagens dos alunos.

FASE 3 – Diversificação e Experimentação (de 7 à 25 anos de profissão)

Esta fase passa por um conjunto de experiências pessoais, depois de consolidado a sua “competência “ pedagógica, diversificando estratégias, modos de avaliação, sequência dos programas, há uma procura de mais prestígio, responsabilidade e autoridade. Passam por uma fase onde estão mais motivados, mais dinâmicos e mais empenhados numa equipa pedagógica, que leva a uma maior ambição por cargos de chefia.

Esta fase é a mais longa do professor e onde se encontram três tipos básicos:

- a) Aqueles que investem seu potencial no desenvolvimento como docente, procurando diversificar os seus métodos e práticas. Também as melhores formas de aplicá-las no ensino;
- b) Outros que se envolvem mais com o sistema administrativo, promovendo-se profissionalmente;
- c) Aqueles que aos poucos reduzem seus compromissos com a docência, podendo abandoná-la ou exercer outra profissão paralela.

FASE 4 – Serenidade e distanciamento afectivo (de 25 à 35 anos de profissão)

A característica mais visível nesta fase, é a procura de uma situação estável, que poderá ocorrer pelos 44-55 anos de idade. É uma fase bastante autónoma, pois não precisam de aprovação dos outros professores, pois não haverá mais nada a provar.

FASE 5 – Fase de conservantismo

Muito parecida com a anterior, ocorrendo durante esta fase uma maior rigidez por parte dos professores, tornando-se mais conservadores. Poderá ocorrer entre os 50 e 60 anos de idade. Os professores pertencentes a este ciclo queixam-se da evolução dos alunos e dos colegas mais jovens

FASE 6 – Fase de desinvestimento (de 35 a 40 anos de profissão)

Uma fase de libertação progressiva, levando a passar mais tempo consigo próprio, será uma forma de se manifestar a sua libertação pelo final de carreira, reflectindo em si as pressões sociais e profissionais que sofreram durante a sua vida.

Posto isto, no ponto 4.4 do relatório, e ponto 6.4 da síntese será realizado um estudo sobre o desenvolvimento profissional dos professores de Educação Física na Escola Secundária de Fontes Pereira de Melo, tendo em contas os modelos propostos pelos autores (Fuller 1969) e Huberman 1989, 1995, 2000).

6.3- Realização da Prática

A realização da prática profissional é composto por 4 áreas de intervenção são elas:

Área 1: Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem

Área 2: Participação na Escola

Área 3: Relações com a Comunidade

Área 4: Desenvolvimento profissional.

Assim a área 1 desenvolveu-se da seguinte forma

Planificação

Para este ponto de partida foi necessário, nesta área particularmente, realizar uma análise a diversos documentos, como o PNEF para o 11ºano, regulamento interno da escola e da educação física.

Devido à falta de documentação do que a turma leccionou no ano anterior, foi necessário ver nos livros de ponto do ano anterior e tentar perceber que matérias os alunos deram. Juntamente aos dados retirados do livro de ponto, foi dado aos alunos um questionário sobre a disciplina com perguntas relativas às matérias leccionadas.

Para a elaboração das unidades didácticas das diferentes modalidades e conteúdos foi utilizado o Modelo de Estrutura do Conhecimento de (Vickers 1990).

O planeamento da unidade didáctica e das aulas teve em conta, factores como os recursos materiais disponíveis (espaço de aula, material didáctico e estado de conservação) as características da turma, o número de alunos e os seus níveis de desempenho, fazendo uma adequação dos conteúdos e das estratégias de ensino

Caracterização da turma

A turma que agora irei procurar analisar e dar a conhecer é a turma 11ºA - CCH Ciências e Tecnologias da Escola Secundária de Fontes Pereira de Melo.

A turma é constituída por 18 alunos em Educação Física e 22 em disciplinas como Matemática e Físico-Química Filosofia, Biologia.

Realização

Para este ponto, irei efectuar referências, a algumas estratégias utilizadas no desenrolar do respectivo ano lectivo. Irei então desenvolver este ponto, por respectivas unidades de ensino, abordando os aspectos principais nomeadamente as dificuldades e forma de as ultrapassar

Jogos Desportivos Colectivos

Em relação aos Jogos Desportivos Colectivos adoptei o ensino da modalidade tendo em conta o jogo seguindo uma sequência do topo para a base. Senti mais dificuldades nesta abordagem no ensino do Voleibol do que propriamente no ensino do Futebol, devido a formação específica que tinha no futebol.

No caso do voleibol, a dificuldade em ensinar tendo em conta o Jogo foi evidente, realizei exercícios em que apenas exercitava a componente técnica e posteriormente em jogo. Esta situação foi-se alterando à medida que a experiência ia acumulando, conseguindo posteriormente realizar exercícios em que a componente técnico-táctica estivesse presente.

Em relação ao futebol os maiores problemas encontrados, da minha parte, foi saber separar o que era treino em competição e ensino na escola.

Se de uma certa maneira estava bastante à vontade em treinar, pois as condições são completamente diferentes, isto é, no treino, temos alunos que querem estar lá, gostam da modalidade, e fazem-no sobretudo por prazer. O espaço é maior, o que permite uma maior diversidade de exercícios. Já na escola, e falando da minha turma, tinha um factor com o qual nunca tinha convivido.

Ginástica

Relativamente à ginástica não existiu dificuldades de grande relevo a serem referidas. Mas existiam grandes preocupações de como organizar o espaço, e a segurança dos alunos e as respectivas ajudas. A sua planificação estava condicionada devido a rotação dos espaços existentes na escola, a unidade didáctica iria ser aplicada em dois períodos. Num período uma abordagem mais à ginástica de solo e no outro, mais os aparelhos.

Sendo a ginástica uma modalidade onde o professor deve ter bastante atenção à segurança do material e dos alunos, e também uma modalidade onde o empenho motor se revela relativamente menor, em relação às outras modalidades, optei na leccionação dos conteúdos usando estações. Usar 3 a 4 estações seria o ideal para a turma, sendo que uma delas, seria de aplicação para os alunos que já conseguiam ultrapassar a dificuldade do elemento técnico.

Atletismo

No meu entender o Atletismo é das modalidades a serem abordadas na escola que maior resistência oferece, tanto pela parte dos professores como dos alunos.

Justificando a afirmação, deve-se um pouco ao mito que os alunos têm do atletismo, pensando eles que esta modalidade é só correr. Já no caso dos professores, tem mais a ver com as condições da própria escola.

No caso da Escola Fontes Pereira de Melo, as condições para a abordagem do atletismo eram bastante complicadas, não havendo espaço exterior, devido as obras de remodelação existentes, seria complicado abordar outras vertentes do atletismo, por exemplo saltos, lançamentos e mesmo corridas. Mas no nosso entender, não seriam motivos suficientes para não o abordar.

Badmington e Dança

Como referido no ponto 3.4.2 do relatório sobre em que é realizada uma abordagem ao conhecimento do professor, estas duas modalidades eram aquelas em que o meu conhecimento sobre elas não era suficiente para as abordar da melhor maneira possível. Assim sendo, foi necessário, e referindo-me à Dança, observar vídeos sobre as respectivas danças. Observar diferentes coreografias, ouvir as músicas e tentar desmontar as diferentes habilidades motoras inerentes a cada dança.

6.4 Desenvolvimento profissional.

Nesta área do estágio estão previstas várias tarefas a serem realizadas ao longo do ano lectivo: elaboração do Projecto de Formação Individual, elaboração de um portefólio de estágio e a elaboração de um relatório crítico final do estágio pedagógico. São tarefas que nos impõem uma reflexão do que estamos a fazer, do que iremos fazer e perceber o que temos de ainda de desenvolver. Além destas actividades de cariz teórico surge a prática pedagógica, o estágio. Este permite-nos adquirir a experiência necessária para começar mais tarde a nossa profissão, naturalmente uma experiência inicial, visto que o processo de educar não se esgota com o estágio.

Nesta área foi realizado um estudo, assim sendo e recordando o já referido nas diferentes etapas no desenvolvimento Profissional do professor de Educação Física são consideradas por Fuller (1969) onde diz que os professores atravessam três estádios distintos ao longo da sua carreira profissional

Huberman (1989,1995,2000) propõe a existência de seis fases que marcam o processo de evolução da profissão docente.

O propósito deste estudo é tentar situar em que estágio de desenvolvimento ou fase, se encontravam os professores de Educação Física na Escola Fontes Pereira de Melo.

Tentar perceber estratégias adoptadas pelos professores tendo em conta o seu tempo de serviço e eventuais diferenças. Procuro igualmente saber as dificuldades sentidas durante o seu trajecto como professor e expectativas para o futuro.

Após a análise e discussão dos resultados, conseguimos situar todos os professores nas fases de (Fuller1969) e nas fases de (Huberman 1989 1995 2000).

Tanto o professor 1 como o professor 3, estão na fase de diversificação e experimentação. Já no caso do modelo de (Fuller1969), há algumas diferenças relativamente a quando acabaram o seu estágio pedagógico e iniciaram a profissão, o professor 1 diz-nos que a sua preocupação era em lidar com os alunos. Já o professor 2, parecia que revelava preocupações com os conteúdos e a melhor forma de os transmitir.

Já o professor que está em estágio, coincide com o estágio de sobrevivência revelando preocupações em lidar com os alunos.

O professor com mais experiência situa-se na fase 4 Serenidade e distanciamento afectivo, ainda que em alguns pontos, o modelo proposto por Huberman (1989 1995 2000) não coincida.

O professor 3 com mais experiência situa-se no estágio 3 do modelo de Fuller (1969).

Conclusão e Perspectivas Futuras

No percurso realizado no ano lectivo 2009/2010 na Escola Secundária de Fontes Pereira de Melo, foi de grande valorização pessoal e profissional. No estágio profissionalizante foram aplicadas estratégias apreendidas durante os 5 anos de formação académica. Outras, com a prática que iam sendo aplicadas, surgiram tornando-me melhor profissional e melhor professor.

Do estágio profissional retiro conhecimentos a nível da matéria de ensino, como o badmington e a Dança, podendo dizer que foram sem dúvida os maiores desafios neste ano lectivo que passou. A organização de um evento, ajudou a ter noção prática de como se deve organizar, bem como o conhecimento apreendido da mesma formação.

Sem dúvida alguma que o professor necessita de se actualizar, procurar sempre formação. O PNEF tem inúmeros modalidades a leccionar, sendo impossível leccionar todas, mas tendo o professor uma formação rica nos conteúdos, na sua forma de ensinar, pode ao longo da sua carreira profissional abordá-las da melhor maneira possível.

O futuro é incerto, mas de uma coisa tenho a certeza, o gosto pelo ensino e o prazer de leccionar aumentou. Se de uma certa forma, ainda tinha algumas dúvidas sobre se era realmente o que queria, agora tenho a certeza que quero ser professor, ajudar alunos nas mais diversas idades, a formarem-se. Infelizmente esta missão a curto prazo será difícil, devido ao sistema educativo em que o professor está inserido. Procurarei também seguir a minha carreira de treinador de futebol na formação, pois o meu gosto por formar jovens é grande e mais gratificante do que propriamente treinar adultos.

7- Bibliografia

- Almeida, B. A. T. d. (2001). *O desempenho dos voluntários e profissionais na organização de eventos desportivos internacionais : o papel das relações humanas*. Porto, Faculdade de Desporto - Universidade do Porto.
- Alonso, M. L. G. (2001). *Ser professor - Contributos para um debate*. Porto.
- Bardin, L. (2004). *Análise do conteúdo* Lisboa.
- Bejarano, N. R. R. and A. M. P. d. Carvalho (2003). "*TORNANDO-SE PROFESSOR DE CIÊNCIAS: CRENÇAS E CONFLITOS*." *Ciência & Educação* **9**: 1- 15.
- Bejarano, N. R. R. and A. M. P. d. Carvalho (2004). "*A história de Eli. Um professor de Física no início de carreira*." *Revista Brasileira de Ensino de Física* **26**: 165 - 178.
- Bento, J. (2003). *Planeamento e avaliação em Educação Física*. Lisboa, Livro Horizonte.
- Bento, J. O. (1995)- *O outro lado do desporto : vivências e reflexões pedagógicas*. Porto : Campo das Letras
- Bento, J. O. (1987). *Desporto "matéria" de ensino*. Lisboa, Editorial Caminho SA.

- Bento, O. R. Garcia, et al. (1999). *Contexto e perspectivas. Contextos da Pedagogia do Desporto*,. Lisboa, Livros Horizonte.
- Borges, N. N. F. M. (2009). *Avaliação de desempenho docente a perspectiva dos professores de Educação Física*. Porto, Nuno Borges.
- Botelho, P. ; P. Silva, et al. (2000). *Equidade na Educação. Educação Física e Desporto na Escola*, Associação Portuguesa A Mulher e o Desporto.
- Brás, J. G. V. *Metamorfoses na formação de professores de Educação Física*
<http://www.grupolusofona.pt/pls/porta1/docs/PAGE/OPECE/PRODU COESCIENTIFICAS/PAPERS/METAMORFOSES-%20FORMACAO%20PROFESSORES%20EDUCACAO%20FISICA.PDF>
F retirado em 29/5/2010
- Cabanas, J. (2002). *Teoria da Educação. Conceção Antinómica da Educação*. Porto, Edições Asa.
- Carrasco, J. G. (1987). *As Ciências da educação : pedagogos para quê?*, Porto : Brasília Editora,.
- Carvalhido, C. S. B. (2002). *Organização de eventos desportivos*. Porto.
- CID, M. and A. J. NETO (2005) *Dificuldades de aprendizagem e conhecimento agógico do conteúdo o caso da genética* . Enseñanza de las Ciencias. Número Extra. VII CONGRESO
http://ensciencias.uab.es/congres2005/material/comuni_orales/3_Relacion_invest/3_1/Cid_313.pdf retirado em 5/6/2010

- Crespo, J. (1987.). *As Actividades corporais. Síntese histórica* Lisboa Ministério da Educação e Cultura; Direcção-Geral dos Desportos; Desporto e Sociedade.
- Cruz, I., P. B. Gomes, et al. (2006.). *Deusas e guerreiras dos Jogos Olímpicos*. Lisboa Fio de Ariana.
- Cunha, A. C.(2004) *As concepções alternativas na formação inicial de professores (de educação física/desporto) uma perspectiva Vº Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção.*
http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR46195657d94ac_1.pdf
retirado em 4/6/2010
- Delors, J. (2001). *Educação, um tesouro a descobrir* Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI Porto, Edições Asa.
- Dunkin, M.J., & Biddle, B.J. (1974). *The Study of Teaching*. New York: Holt, Rinehard & Winston.
- Durkheim, E. (1973). *Educación y Sociología*. Buenos Aires, Editorial Shapire.
- Estágio_Profissional, C. C. d. (2009/2010) *Documento Orientador do Estágio Profissional*.
- Esteve, J. M. (2001). *Mudanças Sociais e Função Docente*. In António Nóvoa Profissão Professor. Porto, Porto Editora.
- Estrela, A. (1973). *Uma Perspectiva para a compreensão da evolução e da difusão da ginástica da Escola de Ling - um exemplo a educação*

física em Portugal nas primeiras décadas do século XX=20. [Lisboa], INEF.

- FADE-UP. (2009/2010) *Regulamento do Estágio Profissional*
- Fernandes, R. (1979). *A pedagogia portuguesa contemporânea* Lisboa, Presidência do Conselho de Ministros. Secretaria de Estado da Cultura. Instituto de Cultura Portuguesa.
- Física, P. N. d. E. (2001). *Programa Nacional de Educação Física - 3º ciclo de Ensino Básico.* Lisboa, Ministério da Educação. .
- Gomes, P. B. & A. Graça (2001). *Educação Física e Desporto na Escola. Novos desafios, diferentes soluções.* Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.
- Gonçalves J.A. (2007) *A carreira das professoras do ensino primário.* In: NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de professores.* 2. ed. Porto: Porto Editora, p.141-170, 1995.
- Graça, A. & J. Oliveira (1998). *O ensino dos jogos desportivos.* Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física Centro de Estudos dos Jogos Desportivos,.
- Júnior, A. F. (1987). *“Prática de Ensino em Educação Física - Estágio Supervisionado.*

- Lawall, I., G. Shinomiya, et al. *Fases de desenvolvimento profissional de professores em situação de inovações curriculares no nível médio* 13 http://nupic.iv.org.br/portal/banco-de-dados/publicacoes/congressos/Ivan_Lawall_ENPEC_2009.pdf retirado em 3/12/2009
- Luckesi, C. (2005). *Prática educativa: processo versus produto*, ABC Educativo.
- Mialaret, G. (1980). *As ciências da educação*. Lisboa.
- Mosston, M. and S. Ashworth (1986). *Teaching physical education*. Columbus Merrill Publishing. 3 edição.
- Mosston, Muska (1988) - *La Enseñanza de la educacion física*. Barcelona : Paidós Ibérica,
- Nóvoa, A. *Profissão professor. A avaliação do professor como instrumento de um modelo para o desenvolvimento profissional dos professores*. Organização António nova textos António nova et all.
- Nóvoa, A. (2009) *Para uma formação de professores construída dentro da profissão*. http://www.revistaeducacion.mec.es/re350/re350_09por.pdf retirado em 3/12/2009
- Nunes, E. L. (1985). *Contributo para o estudo da evolução da formação de professores de educação física em Portugal*. Porto, E. Nunes.
- Patton, M. Q. (2002). *Qualitative research and evaluation methods*.
- Pereira, A. (2004). *Educação Multicultural. Teorias e práticas*. Porto, Asa Editores.

- Pieron, M. (1984). *Pedagogie des Activités Physiques Méthodologie et Didactique*, Université de Liège,.
- Pinto, Z. (1989). *Para uma definição de conceito e dos pressupostos do desenvolvimento da importância pedagógica*. Porto.
- Pinto, Z. (1999). *Estudo da pedagogia do desporto em Portugal : contributo para a sua compreensão*. Coimbra.
- Pires, G. (1987). *Do associativismo à orgânica desportiva*. Lisboa, Ministério da Educação e Cultura, Desporto e Sociedade Antologia de textos.
- Ponte, J. P. d.(1995) *Perspectivas de desenvolvimento profissional de professores de Matemática*, Projecto "Saber dos Professores" financiando pela JNICT ao abrigo do contrato PCSH/379/92/CED.
- Ramos, M. & R. Moraes (s.d.) *Avaliação do desempenho de professores numa perspectiva qualitativa. Contribuição para o desenvolvimento de professores universitários*. Revista ibero-americana de Educacion <http://www.rieoei.org/deloslectores/108Maurivan.PDF> retirado em 18/6/2010
- Ramos, V., A. Graça, et al. (2008) *O conhecimento pedagógico do conteúdo: estrutura e implicações à formação em educação física* Rev. bras. Educ. Fís. Esp., , v.22, .161-171
<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rbefe/v22n2/v22n2a7.pdf>
retirado em 24/5/2010
- Rink, L. (1985). *Teaching physical education for learning*. Times Mirror/Mosby.

- Rodrigues, J. A (s. d.) *Pedagogia do Desporto e as Ciências do Desporto*. Retirado em 27/5/10 http://1949208886615207458-a-1802744773732722657-s-sites.googlegroups.com/site/jjfred/Home/ARTIGOJos%C3%A9Rodrigues.pdf?attachauth=ANoY7coV0IOersD522Jnj5H6iuuVmY26Ff6pOPPbhGIA9nPH2NBhinAUASXF75gVZXW5Z40fO1voXCrDtJRiOafi7d3b1-BTwASWE7fOGA0D1MN35tO_Zjk8z04aTXc25XMwrjWQEOUqUzLWvqyGfGxzJDkfy24eXubBnwQsC2AcZNH1aKDli9TvDjFglHy4QlfrjKKvOx01Xh7I9XTpcN3TSXj0rNiYRg%3D%3D&attredirects=0
- Roldão, M. d. C. (2007). *O DIRECTOR DE TURMA E A GESTÃO CURRICULAR* " Cadernos de organização e administração escolar 1.
- Rosado A. & Silva Conceitos *básicos sobre avaliação das aprendizagens* :
<http://areas.fmh.utl.pt/~arosado/ESTAGIO/conceitos.htm> Acesso 24/5/2010)
- Sarmiento P., Leça-Veiga A., et al. (1993). *Pedagogia do Desporto: instrumentos de observação sistemática da Educação Física e Desporto*. Lisboa, Edições FHM.
- Serrazina, L. & Oliveira I. (2000). *Novos professores: Entrada na profissão*. Projecto financiado pelo Instituto de Inovação Educacional, Medida 2 – SIQE – Nº 92/99.
- Siedentop, D.-. (2000). *Developing teaching skills in physical education.*, Mayfield Publishing Company.
- Sigoli, M. A. (2004). *A história do uso político do esporte*. R. brasileira Ci. e Mov. , Brasília. **12**: 111-119.

- Sousa, J. M. (2001). *Professor: uma Profissão? O papel da instituição formadora*. Tribuna da Madeira. Educação.
- Ufsc, (2005). *Apreendendo a Entrevistar: Como fazer entrevistas em Ciências Sociais*, Revista electrónica dos Pós Graduandos em Sociologia Política da UFSC. 2: 68-80.
http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf retirado em 29/5/10
- Valente, M. O. *Educação para os valores*, Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa
http://www.educacionenvalores.org/IMG/pdf/educacao_valores.pdf
retirado em 13/5/2010.
- Vickers, J. (1990). *Instructional Design for Teaching Physical Activities*. Champaign, IL.

Páginas Web:

- <http://www.esfpm.com/> (2010). "Historia." from <http://www.esfpm.com/>.
- <http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/educa%C3%A7%C3%A3o>
(visto em 25/5/2010).
- <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=Educa%C3%A7%C3%A3o>
(visto em 25/5/2010).

8- Anexos

Anexo 1 - Guião da Entrevista

Objectivos:

- Saber em que estágio e fase se encontram os professores de Educação Física na escola Fontes Pereira de Melo tendo em conta o modelo de Fuller(1969) e Huberman (2000) .
- Perceber estratégias adoptadas pelos professores, tendo em conta o seu tempo de serviço e eventuais diferenças.
- Saber as dificuldades sentidas durante o seu trajecto como professor e expectativas para o futuro.

Guião:

Antes de começar gostaria de dizer que as perguntas que irei realizar não são certas nem erradas, é com base na sua opinião e a sua experiência como professor de educação física.

A base para este estudo é tentar perceber um pouco o desenvolvimento profissional do professor de Educação Física.

Sendo assim, hoje são / /2010 e –H—M

Entrevista:

P1- Quanto tempo tem de profissão como professor de Educação Física?

P2- Após o estágio pedagógico (que perspectivas tem em se tornar professor (Pergunta a Estagiário)). Seguiu pela profissão professor de Educação Física? Se não, qual a escolha e as razões que o fez voltar à escola.

P3- Quando realizou o seu estágio pedagógico (Professores) / No início do seu estágio pedagógico (estagiários), tendo em conta os seguintes tópicos:

- Capacidade para lidar com os alunos
- Domínio dos Conteúdos
- Preocupação em transmitir algo de importante aos alunos

Qual o ponto mais que considera mais importante?

P4- Neste momento da sua carreira, qual é a sua resposta e porquê?

P5- Tendo em conta o seu tempo de serviço, diga-me que estratégia adopta, relativamente aos diferentes tipos às unidades didáticas, planificação de aula, realização do modelo de estrutura de conhecimento (MEC)?

P6- Todos os professores têm crenças, estilos de ensino. Tendo em conta as suas crenças, como descreve o seu estilo de ensino?

P7- Quais as maiores preocupações que tem neste momento, em relação aos alunos?

P8- Tendo em conta os alunos, como descreve a sua relação com eles?

P9-Que imagem pensa que têm eles de si?

P10- E os seus colegas professores?

P11- Sente que necessita da sua aprovação (colegas professores), isto é, como se tivesse ainda algo a provar?

P12- O que pensa sobre ter um cargo administrativo ou pedagógico na escola? (se já tem, ou teve) quais as razões que o levaram a envergar por esse caminho?

P13- Imaginando (estando já no final da sua carreira) que está a chegar ao final da sua carreira, como acha que vai ser (como acha que foi) como professor?

HM – Muito obrigado pela sua colaboração.

Anexos 2 – Tabelas das entrevistas

Tabela 2 Entrevista 1

	Pergunta		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
			1												
Huberman	Fase 1	Tempo	1												
		1- Estratégias de exploração				X			X						
		2- Entusiasmo com a profissão													
		3- Preocupação em solucionar problemas (alunos, matérias)				X			X						
		4- Crescimento profissional							X						X
		5- Sobrevivência valores opostos aos da escola													
		6- Continuidade na profissão		X											X
Fuller	Estádio 1	Grandes preocupações em lidar com os alunos			X	X	X	X							
		Preocupação em prever problemas e encontrar problemas para resolver				X									
	Estádio 2	Preocupação com a tarefa							X						
		Melhor maneira de adequar o processo ensino-aprendizagens que propõem													X
		Transmissão dos conteúdos													X
		Preocupação em que apreendam o máximo possível													
	Estádio 3	Preocupação com os alunos, e seu efeito neles													
		Não procura satisfazer os requisitos de modelos exteriores													
		Dá importância á avaliação que faz do seu trabalho													
		Procura transmitir valores aos alunos													
		Tenta chegar a todos eles													

Tabela 3 Entrevista 2

Pergunta		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
Huberman	Tempo	1												
	1- Estratégias de exploração				X			X						
	2- Entusiasmo com a profissão													
	3- Preocupação em solucionar problemas (alunos, matérias)				X			X						
	4- Crescimento profissional							X						X
	5- Sobrevivência valores opostos aos da escola													
	6- Continuidade na profissão		X											X
Fuller	Estádio 1	Grandes preocupações em lidar com os alunos			X	X	X	X						
		Preocupação em prever problemas e encontrar problemas para resolver				X								
	Estádio 2	Preocupação com a tarefa						X						
		Melhor maneira de adequar o processo ensino-aprendizagens que propõem												X
		Transmissão dos conteúdos												X
		Preocupação em que apreendam o máximo possível												
	Estádio 3	Preocupação com os alunos, e seu efeito neles												
		Não procura satisfazer os requisitos de modelos exteriores												
		Dá importância à avaliação que faz do seu trabalho												
		Procura transmitir valores aos alunos												
		Tenta chegar a todos eles												

Tabela 4 Entrevista 3

Pergunta		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
Huberman	Fase 3	Tempo	17											
		1- Consolidação da sua competência pedagógica			X		X				X	X		
		2- Sequencia dos programas												
		3- Mais responsabilidade e autoridade			X		X			X		X		
		4- Mais motivados												
		5- Diversifica estratégias			X		X						X	
		6- Cargos administrativos												
		7- Reduzem a docência podendo abandona-la												
Fuller	Estádio 1	Grandes preocupações em lidar com os alunos												
		Preocupação em prever problemas e encontrar problemas para resolver												
	Estádio 2	Preocupação com a tarefa												
		Melhor maneira de adequar o processo ensino-aprendizagens que propõem												
		Transmissão dos conteúdos			X									
		Preocupação em que apreendam o máximo possível												
	Estádio 3	Preocupação com os alunos, e seu efeito neles												
		Não procura satisfazer os requisitos de modelos exteriores				X	X					X		
		Dá importância á avaliação que faz do seu trabalho											X	X
		Procura transmitir valores aos alunos			X		X	X						
		Tenta chegar a todos eles					X	X						

Tabela 5 – Entrevista 4

Pergunta		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
Huberman	Tempo	34												
	1- Estabilidade na profissão								X	X	X			X
	2- Autonomia total				X	X					X	X		
	3- Não necessita da aprovação de outros professores. Eles precisam de si										X	X		X
Fuller	Estádio 1	Grandes preocupações em lidar com os alunos												
		Preocupação em prever problemas e encontrar problemas para resolver												
	Estádio 2	Preocupação com a tarefa												
		Melhor maneira de adequar o processo ensino-aprendizagens que propõem												
		Transmissão dos conteúdos												
		Preocupação em que apreendam o máximo possível												
	Estádio 3	Preocupação com os alunos, e seu efeito neles			X		X	X						X
		Não procura satisfazer os requisitos de modelos exteriores				X								
		Dá importância á avaliação que faz do seu trabalho					X							
		Procura transmitir valores aos alunos			X	X	X	X						
		Tenta chegar a todos eles					X			X				X

Anexos 3 – Entrevistas

Entrevista 1

Antes de começar gostaria de dizer que as pergunta que irei realizar não são certas nem erradas, é com base na sua opinião e a sua experiencia como professor de educação física.

A base para este estudo e tentar perceber um pouco o desenvolvimento profissional do professor de Educação Física.

Sendo assim, hoje são 25 /5 /2010 às 10:34.

P1- Sou professor aos 12 anos.

P2 – Sim

P3 O primeiro

P4 Este ano? A primeira também! Porque é uma escola muito própria, com alunos muito próprios, com alunos muito complicados, com falta de rotinas de trabalho, falta de hábitos de trabalho, com falta de quase tudo. É transmitir alguns valores tentar socializar ao máximo com os alunos que nos aparecem pela frente.

P5 Eu tento sempre cumprir ao máximo o programa para cada ciclo, mas dentro desse conteúdo programático, à flexibilidade e muito mais na nossa disciplina! Uma coisa que para mim é fundamental é que os meus alunos tenham prazer a fazer a minha aula, acho que desporto é prazer, e se nos queremos incutir alguns hábitos de actividade física e bem-estar, penso que temos de cultivar esse gosto pelo desporto nos alunos, portanto, tem que haver aqui um ponto de equilíbrio muito grande entre o cumprir o programa e ao mesmo tempo pressionar esse gosto esse prazer pelo desporto nos alunos. O que eu tento ao máximo é potenciar o desempenho dos alunos o sucesso dos alunos a praticar determinada modalidade, privilegio quase sempre situações de jogo. Com esse objectivo quer cumprir o programa, tentar cumprir o

programa estipulado, mas para mim é fundamental que os alunos desenvolvam prazer esse gosto, esse hábito de praticar desporto.

P6 - Acho que isso está muito ligado à personalidade de cada pessoa, eu sou professor mas varias vezes jogo com os meus alunos, tenho um estilo muito próximo, claro que por vezes isso é perigoso, porque eles podem misturar, nessa altura nos temos que vincar bem quem é que é o aluno e quem é que é o professor e eles com o tempo vão precisando disso, mas o meu estilo é um estilo muito. Estou sempre muito próximo dos meus alunos, muito disponível, sou capaz de jogar com eles, de interagir com eles, é um estilo muito próximo!

P7- A preocupação fundamental em relação aos alunos, neste momento, são alunos muito complicados porque vem de meios muito complicados, de famílias complicadas e noto que para muitos deles o professor é uma imagem que se calhar não têm em casa é um modelo que em casa não tem o devido seguimento, e acho importante nós passarmos muito com os miúdos conseguirmos passar-lhes esse modelo de estar, de ser, da forma de se comportar, acho que é principal virtude de eu ser professor nesta escola, não tanto para eles adquirirem conhecimentos, transmitir regras, transmitir, socializar.

P8 - Fundamentalmente é isso, tentar educar, tentar socializar, é criar “hábitos de vigília”, hábitos de pontualidade de assiduidade coisa básicas.

P9 - Que imagem eles tem de si? Vêm no como professor, um amigo, ou um pai ? Eu acho que é um bocado das três.

P10 – Felizmente, eu sempre tive em escolas e esta é mais uma em que um ambiente entre os professores é muito bom. E nunca tive outra experiência estar numa escola em que houvesse algum tipo de problemas entre colegas. A imagem que eu acho que as pessoas têm de mim é a mesma que eu tenho dos

outros, são bons profissionais, são pessoas cumpridoras que tentam desempenhar ao máximo e o melhor possível o seu papel.

P11 - Eu acho que nós estamos sempre a evoluir, eu gosto e em Educação Física, agora que falaste em avaliação em observação real, nos sempre fomos observados, nos damos aulas aos alunos e muitas vezes sem cortina, e basta olhar para o lado para ver o que o meu colega está a fazer ou como é que está a desenvolver algum tipo de trabalho, eu acho que nos nunca tivemos problemas em relação a isso, eu não tenho problemas em relação a isso, e não tenho problema nenhum em perguntar ao meu colega o porque que eu ele fez ou qual era o objectivo de determinado exercício que eu ache engraçado e possa vir a utilizar, portanto é uma das boas características que tem a nossa disciplina é que estamos constantemente em evolução, e eu pessoalmente quando gosto de ver alguma coisa, pergunto as vezes adapto à minha realidade, eu não tenho esse tipo de problemas, eu não sou um professor que não aceita críticas que não aceita reparos eu até gosto disso até faz parte, só assim é que nos conseguimos evoluir.

P12 - Nunca tive, o único cargo que tenho é de director de turma. Eu acho que para ter esse cargo é preciso ter uma estabilidade, é preciso haver uma forte ligação à escola em que nos trabalhamos. Logo aí terá que haver a mesma permanência de alguns anos nessa escola, só assim é que eu acho que são rendidas qualidades, porque para exercer um cargo destes eu tenho de conhecer muito bem a escola, tenho de conhecer muito bem realidade dos meus alunos, tenho de conhecer muito bem o meio exterior que envolve a escola, só assim é que após estes factores é que vou poder tomar decisões com alguma qualidade e seriedade. Pessoalmente ainda não senti a vocação nem o desejo para desempenhar esse tipo de cargo, quem sabe por daqui a alguns anos.

P13 - Eu penso que a Educação Física nos moldes actuais terá que sofrer algumas adaptações porque nos perdemos muito tempo com modalidades ditas tradicionais tudo bem que é muito importante os nossos alunos saberem

jogar, fundamentalmente saberem as regras, para que um dia se forem ver essa modalidade, por exemplo, no caso do futebol, que conheçam as regras e não estejam muitas vezes nas bancadas a dizer barbaridades, mas por outro lado eu penso que a Educação Física e os programas de Educação Física deviam realmente dar um salto qualitativo Relativamente à actividade física e a saúde , à função da saúde. E aí eu acho que há muito caminho para desvabrar, a maior parte das escolas está mal equipada, todas as escolas estão relativamente bem equipadas para as modalidades ditas tradicionais, quando falamos em promoção da saúde e actividade física para saúde e bem-estar, há muitas falhas e penso que esse será o caminho do futuro, agora como a sociedade muda de dia para dia, de semana para semana é muito difícil, é muito complicado estar a fazer uma previsão.

Entrevista 2

Antes de começar gostaria de dizer que as perguntas que irei realizar não são certas nem erradas, é com base na sua opinião e a sua experiência como professor de educação física.

A base para este estudo é tentar perceber um pouco o desenvolvimento profissional do professor de Educação Física.

Sendo assim, hoje são 27 / 5 /2010 às 9H40M

P1 - um ano.

P2 - Tenho algumas expectativas, não estou muito ambicionado, os lugares também não devem ser muitos, e as oportunidades não vão ser muitas, mas daqui a um a dois anos conto estar a dar aulas, ter as minhas próprias turmas, a minha forma própria de trabalhar, e conto estar a trabalhar.

P3 - Capacidade em lidar com os alunos

P4- Neste momento, mantenho, ao nível de conhecimento do conteúdo acho senti muitas dificuldades, é normal sentirmos insegurança e frustração no início mas isso eu sabia que era normal, agora segundo a minha opinião já de algum tempo, já dou treino há muitos anos, é igual mas é lidar com alunos com professores, penso que é fundamental um professor gerir orientar uma turma, penso que só com uma boa liderança dentro da sala de aula é que o professor pode por em pratica tudo o resto, não interessa saber muito se o professor não liderar os alunos fazem o que querem do professor, não consegue por em pratica o que pretende.

P5 - Visto ser um ano de estágio foi tudo realizado exaustivamente tem que ser é um ano de estágio, agora terminando este ano de estágio que já está no fim e falando mais focado numa perspectiva futura penso que é fundamental fazer planificação anual, fundamental dá-nos outra capacidade de gerir e lidar com a turma e de estar orientado para todo o ano lectivo, em relação aos mec's acho isso secundário para dar aulas acho que um mec é secundário o professor sabendo como se transmite a matéria e como se evolui, acho que não é preciso ter isso escrito em papel, em relação aos planos de aula, nunca vou fazer ou nunca irei fazer planos de aula como fizemos este ano com tudo e mais alguma coisa mas acho que é preciso fazer uma aula nem que seja 3 ou 4 linhas e numa espécie de sequência agora vou fazer isto agora vou fazer aquilo, não é preciso descrever o exercício, basta dizer por exemplo vou fazer o jogo da bola ao capitão em 3x3 uma pessoa já sabe o que é, já temos os objectivos e conteúdos que queremos trabalhar, não precisamos estar a escrever, porque também não vamos ser avaliados, como estamos a ser neste momento.

P6 - Acho que sou um bocado directivo, gosto das coisas muito organizadas, relativamente às minhas crenças e ao que eu acho que a minha turma saia a ganhar, acho que temos de ser directivos eu tento ser um bocado directivo na medida em que eu digo, não no exercício nem como devemos fazer, mas ao

nível da organização da aula, eu digo pára tem de parar, chega cá eles tem de vir, digo façam tem de fazer.

HM:É um estilo mais de comando?!

Isso mesmo, nesse ponto de organização e gestão da aula eu prefiro ser directivo e uma orientação por comando, a nível de leccionação das matérias propriamente ditas eu acho que o aluno deve ter espaço para a sua criatividade temos de criar situações problema para ele poder desenvolver a sua própria capacidade e perceber o que está a fazer, por vezes nós ou não damos a solução e ele crie mais duas ou 3 soluções em que nós não tínhamos pensado nelas e que realmente resultam e tem sucesso, acho que é fundamental para o aluno tentar e posteriormente agir e não reagir.

Uma descoberta guiada, dar-lhe informação de maneira a que cheguem lá?

Eu não digo que seja uma descoberta guiada, uma descoberta guiada é nos ajudarmos a descobrir, descoberta Guida em certa parte não é, eu pretendo sempre ajudá-los, mas não pretendo ajudá-los a ver, tens esta e aquela solução isso é a descoberta guiada parou tu tens esta e aquela solução, não por exemplo, eu paro o jogo e digo olha e vê o que podes fazer, crio exercícios para eles descobrirem o que podem fazer, uma descoberta guiada é mais uma orientação dada pelo professor.

P7 - Eu neste momento na fase que está este ano e a turma que tenho, eu preocupo-me mais que eles estejam motivados e criar mais uma situação de evolução eu não quero, não pretendo consolidar termos técnicos porque acho que já tem de estar e já estão consolidados à bastante tempo, pretendo criar situações em que estejam motivados e aprendam o que pretendo ensinar, mas através de uma progressão, para eles jogar 2 contra 2 já não é motivante, ou em voleibol jogar 3 contra 3, neste momento já ponho 6 contra 6, dou e ensino o que tiver de ensinar, por exemplo a disposição táctica de cobertura, o primeiro e segundo anel, os meus objectivos.

P8- Excelente.

Podia ser mais específico? Vê os como filhos, ou como colegas, futuros colegas?

Vejo-os como futuros colegas, como amigos que vão estar lá fora, após acabar o ano lectivo vou ter amigos, talvez pela proximidade de idades mas vejo-os como amigos, dentro da sala de aula é professor e aluno, tratam-me com o devido respeito e eu igualmente fora de aula tratam-me como professor igualmente, mas não digo que quando acabar o ano lectivo não me tratem de outra forma, se calhar não vão tratar e eu vou manter na mesma aquela distancia, mas eu vejo-os na mesma como futuros colegas desta profissão.

P9 - Um professor porreiro, acho que eles vêm me um bocado como amigo e não como professor, tem de me respeitar mais, acatar um bocado mais as ordens.

HM: É tratado como professor?

Professor, isso mesmo, fora as vezes que vou à sala de professores em que alunos não podem entrar lá.

P10 - Vêm me como trabalhador, como futuro colega, como colega já nem como futuro colega

P11 - Não não tenho nada a provar, isso é questão de às vezes, agora não mas no inicio, por sermos novos, eu sou novo ir lá de fato de treino e mochila as costas estar no computador e eles calma que os alunos não entram aqui!

P12 - Nunca pensei nisso, não me vejo a ser um director de uma escola, administrativo? Certamente hei-de o ter, como chega a quase todos mas ainda é cedo para pensar, ainda tenho de evoluir muito, ter outra maturidade só

depois é que posso pensar e reflectir sobre essas situações. Não me vejo de maneira nenhuma ter algum cargo, só se for director de turma.

P13 - Não sei nunca pensei nisso, acho que vou ser amigo dos alunos o tempo dirá se hei-de modificar a minha atitude, certamente vou modificar algumas e muitas coisas que faço, em relação ao conhecimento do conteúdo, tudo o que seja de habilidades fechadas não pretendo modificar, acho que o conhecimento de hoje vai ser pouco mais revelador, em relação a habilidades abertas as coisas alteram-se de dia para dia, há sempre novas formas de ensinar o ensino de conhecimento, n sei se vou andar actualizado se não vou, tudo depende da minha vida dos pares também, que as vezes uma pessoa apreende também com a colega do lado não é estar a ler nem a procurar o conhecimento, porque o conhecimento vai ter connosco na próxima entrevista eu digo-lhe como responder a isso.

Entrevista 3

Antes de começar gostaria de dizer que as pergunta que irei realizar não são certas nem erradas, é com base na sua opinião e a sua experiencia como professor de educação física.

A base para este estudo e tentar perceber um pouco o desenvolvimento profissional do professor de Educação Física.

Sendo assim, hoje são 4 /6 /2010 e 14:23

P1 - 17º ano.

P2- Sim

P3 - São todos importantes, embora no estágio, no final do estágio se calhar considerava que o mais importante seria transmitir os conhecimentos.

P4 - Neste momento da minha carreira, capacidade em lidar com os alunos acho que já esta dominada, domínio dos conteúdos é importante mas agora acho que passa também por transmitir para alem dos conteúdos

P5 - Preocupa-me o crescimento pessoal dos alunos

P6 - Acho que neste momento, desde alguns anos para cá a intuição acho que é muito importante, partindo da avaliação diagnostica que é feita e do conhecimento que vou tendo dos alunos ter em termos de características pessoais. A planificação é feita, a unidades didácticas são estruturadas de forma a que eles consigam dar melhor de si, não tendo em conta a unidade, se conseguir cumprir muito bem , se não, se conseguir é bom que se cumpra e se vá o mais longe possível nem todos os alunos podem cumprir as unidades didácticas. Planificar é um bocado abstracto, depois à medida que as coisas vão acontecendo, o domínio dos conteúdos vai acontecendo por parte dos alunos e que se vai conseguindo tratar da turma em atitudes, resolver problemas de indisciplina, o desempenho das aulas o que se conseguir é bom, não há uma referência, tem de se conseguir atingir aquele objectivo tem que saber, o aluno tem que dominar aquele conteúdo, pode não dominar pode fazê-lo não dominando na totalidade.

P7 - A minha maneira de ensinar depende muito porque valorizo mais a pessoa do que os conteúdos que tenho para leccionar eu vou programar ou reprogramar com cada turma para que o aspecto, a pessoa seja o mais importante. O meu estilo de ensino não faço a mínima ideia se calhar junta vários, várias teorias.

HM. - **Sim, mas então preocupa-se mais com o aspecto humano?**

Muito mais com o aspecto humano dos alunos até porque o meio onde tenho leccionado tem sido um meio sócio-económico muito baixo muitas vezes chega-se ao final do ano e quando os alunos já tem as questões com a indisciplina, regras da aula dominadas quando eles já estão prontos a começar a apreender é quando já terminou o ano lectivo é quando eles já vão embora, o aspecto humano para mim é muito mais importante do que.

P8 - Civismo a formação cívica dos alunos.

P9 - A minha parte a minha relação com eles é boa embora eu consiga distinguir se calhar os alunos não conseguem mas eu consigo distinguir a minha relação profissional à minha provável, possível, eventual relação pessoal que tenha com eles fora da escola. Os meus alunos continuam a ser as pessoas fora do tempo que estão comigo na escola

**Mas por exemplo durante as aulas consideraria que fossem seus filhos?
Como se fossem filho?**

Eu considero-me a mais próxima possível deles, a partir do momento em que consigo estar próxima deles porque a partida os alunos também tem alguma resistência a mostrar-se a revelar-se quando se consegue descobrir o que eles são então a minha relação é muito próxima pelo menos de minha parte.

P9 - A imagem que têm de mim, inicialmente é muito austera, muitas regras, muita exigência e a exigência mantêm-se mas depois aparece, acho eu, mais a parte da pessoa que é amiga que é preocupada com os alunos quer em termos de desempenho na aula de Educação Física mas também no desempenho deles na escola e mesmo fora da escola. Da minha parte acho que é próxima da imagem que eles tem de mim até porque tenho alguns feedbacks de encontrar alunos fora da escola acho que é muito boa porque há alunos que continuam a mandar mensagens cumprimentar-me e a conversar comigo na rua e a lembrar-se aquilo que trabalhamos em tempos, acho que eles têm uma boa imagem de mim.

P10 - Eu acho que eles tem ideia de alguém que se esforça pelo menos o melhor possível, competente organizada por trabalhar bem. É o que acho.

P11 - Eu não preciso da aprovação nem do reconhecimento porque a minha consciência sobre o meu desempenho sobre o meu trabalho, sobre a minha profissão é que, não tenho de provar, até agora, até alguém ter de me avaliar, não tenho de provar nada não preciso da aprovação dos meus colegas tenho a consciência tranquila que faço o melhor que sei e que posso nas circunstâncias que tenho em termos de trabalho.

P12 - Não ligo tanto ao cargo administrativo mas mais ao cargo pedagógico gosto da funções que estão inerentes aos cargos de natureza pedagógica, gosto delas mas também gosto de dar aulas, não me repugnaria ter de representar ou ter de ser coordenadora de um departamento porque sei quais são as funções que teria de desempenhar tenho consciência delas mas neste momento, ou eleita ou nomeada porque não me candidato a elas se bem que gosto de as desempenhar.

P13 -Eu acho que irei ser como sou agora, preocupada, trabalhadora, empenhada n sei se as circunstancias me dirão como serei daqui para a frente. Estando sensivelmente a meio da minha carreira com todas as alterações a nível legislativo nem sei se mesmo essas alterações me vão fazer mudar acho que esta é a minha forma de estar na profissão e não sei se vou mudar

Entrevista 4

Antes de começar gostaria de dizer que as pergunta que irei realizar não são certas nem erradas, é com base na sua opinião e a sua experiencia como professor de educação física.

A base para este estudo e tentar perceber um pouco o desenvolvimento profissional do professor de Educação Física.

Sendo assim, hoje são 8 /6 /2010 às 12:07.

P1 - À 34 anos

P2 - O meu estágio não foi à 34 anos atrás eu leccionava à 5 quando fiz estágio a profissionalização no exercício, n me via a fazer outra coisa, aliás já dava aulas à 5 anos, só mesmo como professora de Educação Física.

P3 - Eu considerei sempre o mais importante, o transmitir algo de importante aos alunos, sempre!

P4 - Sim, porque nos somos professores e acima de tudo educadores, se não transmitirmos algo de importante aos alunos com a sociedade actual em quase ninguém o faz.

P5 - No estágio é evidente que planificamos aula a aula temos um orientador é mais “complicado”, é diferente, actualmente eu faço uma planificação anual e depois planifico, não te vou dizer que planifico as minhas aulas, eu planifico todas, não planifico como planificava quando tive o meu estágio em que escrevia tudo para o papel aquele e o outro, não, divido por fases uma movimentação geral ... propriamente dito, em função de cada uma das modalidades.

P6 - Eu acho que tenho as duas vertentes, e se falar com os meus alunos é isso que eles sentem. Eu tão de pressa sou a autoritária como estou a brincar com eles, sou a amiga e a professora ao mesmo tempo, só que eles tem de saber quando é a amiga a falar com eles e quando é que está a professora a trabalhar com eles.

De uma certa maneira n se sente “mãe” deles?

Sim, sem dúvida alguma, isso acontece-me principalmente aqueles alunos que acompanho aos 5 anos, e muito especificamente com as direcções de turma que tenho que as acompanho durante 3 anos lectivos em todos os aspectos, sou a mãe que ralha castiga e sou a mãe amiga.

P7 - Como já referi, há bocadinho, a minha maior preocupação é evidente que sou professora de Educação Física mas através de jogos da Educação Física propriamente dita a minha maior preocupação é ensina-los a cumprir regras é educa-los civicamente a faze-los saber estar. Eu acho que nós como professores de educação física, estamos em vantagem relativamente a outro professor, porque a através de regras de jogo da arbitragem do respeito pelo colega no jogo, o árbitro que temos vantagens em relação aos outros nessa função.

P8 /P9 - Que imagem pensa que eles têm de si? Como acha que os alunos a vêm aqui na escola, mais do que uma simples professora?

Não, eu acho que não, pronto aqui na escola se calhar sim de momento talvez mas depois quando os encontro na rua eu vejo que nutrem um carinho muito especial. Encontro alunos conheço á 20 anos e eles falam “óh professora” com muito carinho!

P10 É difícil, mas acho que sou respeitada por eles, não sei se por ser a mais velha do grupo, se sou a com mais anos de experiencia, mas estou satisfeita.

P11 - Na escola não, só se for a mim própria. Nunca tive a necessidade de provar a ninguém que era capaz que conseguia, agora sempre defendi os meus pontos de vista, as minhas crenças e acho muito importante as pessoas acreditarem aquilo que fazem, no seu valor, o que não é fácil, acho que todos nós temos o nosso valor, acreditar nele, sabemos que somos capazes e para nós próprios e não para os outros.

P12 – Os cargos pedagógicos são de Obrigação., portanto, nós não enveredamos por eles por queremos ou não. E a nível administrativo? Não, fui muitas das vezes convidada para a direcção da escola nunca aceitei, porque o que eu gosto é de dar aulas tenho uma turma como tenho, eu não tirei um curso para estar sentada a passar problemas da escola, como sabes sou directora de agrupamento, sou directora de turma e assim, detesto cargos porque impor regras aos nossos colegas é muito complicado, não gosto, por isso mesmo n gosto de ter cargos, quando os tenho tento cumprir o melhor que sei e posso. Acho que o cargo para mim mais gratificante que existe aqui na escola e já referi isto na entrevista ao Adriano se não estou em erro, é ser directora de turma, temos um contacto muito mais próximo dos alunos, da direcção de turma dos encarregados de educação, temos uma visão muito mais realista do que

P13- Eu vou citar as palavras do senhor que foi orientador de estágio não de Educação Física mas no ano em que eu fiz era Instrução do exercício, sistema

educativo e área de turma e um dos orientadores de ciências e biologia Professor João Praia que já foi deputado no final desses dois anos estávamos todos reunidos e ele disse-me assim a “Rosário é uma pessoa que eu tenho a certeza de que foi tão boa professora (por palavras dele) este ano enquanto fez estagio como vai ser daqui a 10 ou 20 anos, não trabalhou para o estágio, que é um ser que gosta do que está a fazer que vai ser sempre uma pessoa empenhada”, que é aquilo que eu acho que sou, eu digo que sou uma boa professora porque sou uma pessoa empenhada e tento fazer sempre o melhor que sei e o que posso para o bem dos meus alunos na escola.